



MONSTROS A LUZ DO DIA

PREQUELA DE *MARY HADES*

SARAH DALTON



Monstros à luz do dia

Sarah Dalton

Traduzido por Lislaine M. Oliveira

“Monstros à luz do dia”
Escrito por Sarah Dalton
Copyright © 2015 Sarah Dalton
Todos os direitos reservados
Distribuído por Babelcube, Inc.
www.babelcube.com
Traduzido por Lislaine M. Oliveira
Design da capa © 2015 Sarah Dalton
“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Índice Analítico

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Epílogo](#)

[~ Uma Nota da Autora ~](#)

[Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença](#)

[Procurando outras ótimas leituras? | Seus livros, seu idioma](#)

Prólogo

As chamas são insuportáveis. A pele do meu braço cria bolhas devido ao calor e me obriga a ir para trás, para longe dos outros. Em um momento estou perto da Anita e no outro estou sozinha — isolada por uma cortina de fogo. Uma fumaça amarga pungente se enrola em minhas narinas e meu estômago se agita em resposta.

“Mary!”

“Anita?” Grito de volta. Não consigo ver ninguém através da grossa cortina de fumaça escura. Tropeço nos corpos desmaiados no chão.

Começo a tossir. Meus pulmões incham. Se eu ficar muito mais tempo, a fumaça irá me puxar sob seu encanto. Irei desmaiar e morrer. Cubro a boca com a manga da roupa. *Onde ela está?*

As chamas consomem cada parte da sala. Atrás de mim está a saída e eu sei que deveria ir para lá, agora. Ou irei morrer. *Eu deveria ir.*

“Anita?”

Não consigo dar um passo à frente. As chamas lambem minha pele. *Vou morrer.*

Não consigo dar um passo à frente.

Preciso recuar. Tenho de correr para a porta. Tenho de deixá-la para trás.

Capítulo Um

Todos nós temos rituais matinais, não é? Eu acordo mais cedo do que meus pais; tomo banho, coloco uma roupa, desço as escadas e faço uma xícara de chá. Lá, no silêncio tranquilo da manhã, fico de pé em frente a pia da cozinha e olho para fora da janela, com o chá nas mãos. Algumas manhãs, a luz do sol aquece meu rosto enquanto passa pelo vidro, e tudo parece claro — mesmo que só dure por um tempo. Minha mente está em paz.

Nós temos uma vista bastante ampla da cozinha, uma vez que nossa casa fica perto do topo de uma colina. Em nossa rua, as casas com terraço emergem do vale em uma desordem de diferenças, alturas e comprimentos de chaminé, tamanhos de janelas e tijolos coloridos. Nosso vizinho tem até uma extensão de cozinha, anexa aos fundos como uma peça de Lego encaixada por uma criança.

Estudo o jardim. Ele se inclina conforme a colina desaparece no parque espalmado mais adiante, que vai acabar em quadras de tênis e alcança o *playground*, antes de finalmente mergulhar no lago de patos. Mais além, há um emaranhado de ruas. Depois delas há linhas com árvores idênticas — como uma infantaria a postos — e mais longe, no horizonte, está o hospital.

Meus olhos são levados para o prédio principal, uma torre de histórias subindo de um labirinto de pavimentos, edificações e garagens; de longe, o edifício mais alto. Revestido de concreto cinza, sujo e em ruínas, eu sinto como se de alguma forma ele olhasse de volta para mim, desafiando-me.

Em um dia normal, fico de pé em frente a pia da cozinha tomando meu chá, aproveitando a manhã calma. O hospital não me incomoda. Na verdade, tenho uma sensação de triunfo por saber que estou bem e segura, que hoje não preciso ir a nenhum lugar perto dele. Posso viver minha vida normal, sem nem ter de pensar sobre o que acontece dentro daquele formidável prédio cinza.

Mas hoje não é um dia normal. Hoje meu chá esfria enquanto fico rigidamente de pé em frente a pia. Minha mente não está em paz. Está nadando com o tipo de pensamentos que me fazem querer entrar no meu crânio e agarrá-los, arrancá-los e jogá-los fora. Não estou mais segura. Hoje irei entrar no prédio alto com o concreto sujo e não sei quando sairei novamente.

Mudo meu foco do cenário distante para o reflexo muito mais próxima de mim no espelho — uma versão fantasmagórica de mim, com olhos tão escuros e fundos que me assustam. Penso nos longos corredores e paredes brancas brilhantes. Em histórias de terror, o monstro se esconde no escuro. Bem, não meus monstros. Meus medos estão à luz do dia. Eles se escondem no cheiro clínico de água sanitária e no solitário piscar de uma luz fluorescente. Seus rugidos ecoam no som de saltos estalando no linóleo e o assobio de longos casacos.

Meu reflexo se divide em dois e minha sobrancelha franze. O que agora? Quem me quer?

“Mary?”

Mary Medrosa. É assim que começaram a me chamar — depois do incidente.

Eu vi isso. Não inventei. Eu vi o monstro.

“Mary? Você está bem, amor?”

O segundo reflexo sorri. O cabelo preto e longo dela está diferente agora. Vejo os fios grisalhos. Do contrário, poderia ser meu.

Minha mãe apoia a mão em meu ombro. “Você não vai ficar lá por muito tempo. Só até ficar melhor, prometo”.

“O que é melhor?” Resmungo. “Como vou saber?” *Alguém irá me contar?*

“Você vai saber, querida. Vai saber”.

*

Meu pai deixa escapar uma longa respiração enquanto puxa o freio de mão. Ele já xingou três vezes no estacionamento, uma vez para outro motorista. De maneira incomum, minha mãe permaneceu quieta sobre o incidente. Enquanto o motor para, a chuva começa — tamborilando sua tatuagem no teto do carro. A mão do meu pai não se move do freio, ele aperta com tanta força que as dobras dos dedos embranquecem. Minha mãe a alcança, por alguma razão com a mão esquerda, e a coloca na dele, a aliança de casamento no topo de cada uma.

A chuva tamborila mais forte e eu me vejo rasgando, “sinto muito por ser tamanha perturbação para vocês dois”. Vejo a dor e o sofrimento naquele gesto. As duas mãos juntas. Eu no banco de trás. Sozinha.

Meu pai levanta uma sobrancelha olhando para mim pelo retrovisor.

“Desculpa”, murmuro.

“Mary”, ele começa. O peito dele descomprime como um balão e ar silva pelo nariz. “Sei que você está com medo. Estamos com medo, também. Temos medo por você —”

“Simon, não fale assim com ela. Temos de ser forte —”

“Temos de ser *honestos*. Como uma família, precisamos ser honestos e *isso* vai nos dar força”.

Todos nós ficamos em silêncio. Meu pai coloca as duas mãos no volante e encara o para-brisa. Eu tiro o cinto, mas a enorme chuva engole o som. Eu deveria ser a pessoa forte. Eu deveria tentar tranquilizá-los.

“Ficarei bem, vocês sabem”.

Sorrisos são trocados pelo retrovisor. Está na hora. Apesar da minha bravata, é minha mãe quem abre a porta primeiro.

Não consigo evitar levantar a cabeça para a chuva enquanto saio do automóvel Ford de meu pai. Normalmente, quando chove na Inglaterra, a água cai do céu em um pequeno mais do que patético chuvisco que mal deixa você molhado. Agora, um temporal cai do céu torrencialmente, deixando-me ensopada em um instante. Minha mãe se mexe do lado do carro, lutando com o guarda-chuva, com rímel escorrendo pelas bochechas. O pó em seu rosto brilha e gotas d’água se formam em sua testa. Os olhos dela estão molhados e cheios de uma expressão que só vejo quando eu caía ou tinha um resfriado. É um olhar furtivo e desesperado, que me faz pensar como é perder o controle ou como seria ter de sentar com os braços cruzados e assistir às pessoas que você ama sofrerem.

O guarda-chuva sobe acima de minha cabeça e minha mãe fecha a porta do carro atrás de mim. Ela me envolve com um braço e me puxa para perto, de modo que ficamos juntas como conspiradoras. Meu pai faz aquilo que a maioria dos homens faz, em vez de se encaixar debaixo do guarda-chuva, ele arqueia os ombros e levanta o colarinho, como se fizesse toda a diferença. Ainda assim, isso me faz rir pela primeira vez hoje.

Dessa forma, a família Hades atravessa o estacionamento e eu o vejo de perto: meu novo lar. Primeiro, o guarda-chuva me protege do prédio do hospital e tudo que vejo são espaços de vagas desbotados, vidro quebrado de um farol dianteiro e algumas latas de suco vazias. Mas então, ao chegarmos na cobertura da passagem do hospital, minha mãe abaixa o guarda-chuva e se detém para retocar a maquiagem, lá fora do alto prédio cinza que vejo toda manhã.

As portas automáticas abrem e fecham para deixarem as pessoas entrar e sair. Uma mulher com pele envelhecida e lábios finos avança com dificuldade para fora do edifício, movendo sua haste de soro com ela. A visão de uma bolsa de plástico e o som estridente das rodas me dão repulsa, mas não parece incomodá-la. Ela encontra um ponto para se apoiar na parede suja e acende um cigarro. Seu braço está

conectado ao equipamento e eu tento não olhar, porque odeio a visão. Odeio a ideia da agulha em sua veia.

Então, encaro as paredes. De perto, posso ver que o revestimento foi aplicado em quadrados cinzas enormes de um tipo de textura áspera e coberto de pedrinhas. Em alguns lugares, pedaços de seixos ou talhos de revestimento saíram da parede. A sombra lançada pelo teto da passagem lança tudo em melancolia, junto com as grossas nuvens de tempestade pairando sobre nós. Eu tremo e não é porque minhas roupas estão grudadas na pele ou porque meu cabelo está completamente molhado; é porque o prédio me dá arrepios.

“Venha”, minha mãe diz. “Vamos entrar. Vamos encontrar o Dr. Harrison e tudo ficará bem. Simon, você lembrou de pegar a maleta dela no carro?”

Eu havia esquecido sobre isso então me virei para checar. Meu pai levanta a pequena mala de viagem com um gracejo. Quando vejo o rosto orgulhoso dele quero abraçá-lo apertado. Ele sempre fica tão feliz quando acerta alguma coisa, como quando eu era pequena e ele lembrou de só torrar meu pão por trinta segundos e usar a geleia sem sementes. Um pouco da tensão relaxa de meus ombros.

“Acho que devíamos entrar, então”, falo.

A mulher fumando diz olá para nós quando nos aproximamos, “tempo horroroso, não é?”

Não quero olhar para ela. Ela está doente e isso me leva perto demais da doença. Quem quer pensar sobre como é estar doente? Quero dizer, realmente doente. Não queremos ser lembrados, queremos? Bem, eu não. Não quero pensar sobre isso de forma alguma.

Está tão claro e quente lá dentro que já me sinto sufocada. Minhas sapatilhas deslizam e rangem no chão, elas não são muito boas em superfícies escorregadias. Meu pai fica de olho em mim e vem para perto. Por quanto tempo mais o terei andando ao meu lado, pronto para me segurar se eu cair? Quando isso vai parar... para sempre?

“Por aqui”. Usando algum tipo de magia-mãe, ela consegue nos direcionar pelo hospital até a ala correta.

Entramos no elevador e uma mulher anciã com rugas tão fundas como meu umbigo é levada em uma cadeira de rodas pela enfermeira. Ela olha para mim e balança a cabeça para minha aparência molhada. “Ooh, por Deus, você está ensopada, querida. Verão horrível estamos tendo”. Sua dentadura escorrega um pouco e ela a arruma com os dedos tremendo. Tento sorrir educadamente.

Minha mãe nos salva de um silêncio constrangedor. “O mais molhado desde os anos oitenta, ao que parece. Torcemos por um bom outono!”

Mas a senhora não conseguia parar de me encarar. “Venha cá, querida”. Ela inspeciona a bolsa de mão. “Aww, você é uma bela menina. Mas precisa sorrir mais, amor. Aqui. Tome isto”. Ela espreme em minha mão um doce pegajoso cozido. De perto, ela cheira a desinfetante, pó e algo doentio, como sangue. Há um odor suave de urina.

Eu recuo. “Obrigada”.

A enfermeira a retira no quinto andar e eu a vejo sair. Aquela sensação evasiva arrepiante de desconforto e culpa rasteja pelo meu corpo. Eu não queria estar perto dela. Não queria cheirá-la ou ver os sinais marrons em sua pele. Não queria pensar quão perto da morte ela está. E tudo o que ela queria fazer era falar comigo; falar com alguém jovem e bonita e cheia de vida. *Essa sou eu?*

Quando o sexto andar acende, sou a primeira a sair, abraçando meu corpo em busca de calor ou algo do tipo. Há um homem me olhando através da porta aberta da ala oposta. Há algo errado com ele, seu crânio brilha através do rosto como um Raio-X. É uma daquelas coisas que os médicos dizem que estou inventando ou que meu cérebro está inventando por mim. Não faz sentido gritar ou berrar ou chamar a atenção para mim. Quero correr e nunca mais voltar. O homem-caveira continua me assistindo. Os pés dele não tocam o chão.

“Está tudo bem, Mary?” Minha mãe pergunta.

Quero dizer não, *de jeito nenhum*, tirem-me daqui agora. Mas, em vez disso, ela me leva para longe do homem-caveira, por mais outro corredor do hospital, até chegarmos à Ala Magdalena.

Capítulo Dois

Magdalena.

Mary.

Era para ser.

As portas se abrem e nós entramos na ala. Ela nos recebe com uma ampla área de espera com sofás, revistas e plantas de vaso. À esquerda, há uma mesa de recepção impecável com uma recepcionista agradável de se olhar, sentada ereta, cabelo loiro preso, sem maquiagem, mas bonita. As paredes são adornadas com palavras alegres: *bem-estar, saúde, felicidade...*

A ideia era nos deixar à vontade, mas parece mais uma falsa sensação de segurança. Meus músculos endurecem com a ideia do que espreita além dos sofás confortáveis.

“Bom dia, como posso ajudá-los?” pergunta a recepcionista.

Minha mãe coloca a bolsa na mesa e a vasculha. “Minha filha está aqui. Quero dizer, ela está aqui para... hmm...”

“Estou aqui para ser confinada”, digo com um sorriso inclinado. “Vocês têm a camisa de força no meu tamanho, certo?”

Minha mãe desaprova. “Mary!”

A recepcionista ri. “Não, tudo bem. É engraçado. Irei carregar a máquina de TEC especialmente”. Ela levanta a sobrancelha como se estivesse falando com uma criança e elas compartilhassem uma piada. “Qual seu nome, amorzinho?”

“Mary Hades”, respondo. Arrependo-me de ter feito a piada agora. Sinto-me com cinco anos. Sou a garotinha com as amídalas inchadas, sendo cutucada e espetada por médicos enquanto eles falam daquele jeito macio que só médicos falam. Isso foi a muito tempo atrás.

“Bem-vinda à Ala Magdalena, senhorita Hades”. É como se estivéssemos fazendo o registro em um hotel. “Irei acompanhá-la até a enfermaria. Agora, já lhe designaram um médico, certo?”

“Sim, o Dr. Harrison”, minha mãe diz com entusiasmo. “Ele é o psiquiatra da Mary. Ela o tem visto desde o... bem, por quatro semanas já”.

“Ok, e a Mary vai ficar conosco—”

“Concordamos em uma semana para começar”, minha mãe responde.

A recepcionista chama alguém na sala de trás e uma enfermeira gorducha assume a mesa. Ela pega algumas pastas e segue até as portas trancadas no final da sala. Nós a seguimos, gotejando água no chão do corredor.

Há dois conjuntos de portas de vidro. Uma é aberta por um cartão magnético. A outra, por uma campainha. Assim que as primeiras portas são trancadas, as portas da campainha são abertas por alguém dentro da ala psiquiátrica, embora os pacientes sejam gatos confinados à casa ninguém quer deixá-los sair. Enquanto esperamos a enfermeira nos deixar entrar, ela continua uma fala sem nexos sobre o programa de arte-terapia, a comida e a programação diária. Minha mãe faz sons mm-hmm e diz, “Oh, isso soa excelente”, enquanto meu pai revira os olhos de modo que só eu possa ver.

Finalmente chegamos. Um calafrio desce pelas minhas costas. Há uma cabine à esquerda que é operada por um homem alto com ombros inclinados. Uma mulher baixa e troncada na casa dos quarenta, com seus cabelos grisalhos, cumprimenta-nos. Ela aperta a mão dos meus pais.

“E você deve ser a Mary, então. Se quiser vir comigo, irei levá-la ao seu quarto. Você trouxe uma mala? Teremos que ficar com ela por um tempinho, mas não se preocupe, você terá seus pertences de volta. Não queremos que você tenha algo com o qual possa se machucar”.

Meu pai lhe entrega a pequena mala de viagem e ela a levanta pela janela para o homem, que nos fita furiosamente como se fôssemos uma inconveniência. Quero tanto vasculhar minhas coisas antes que elas se vão. De repente, não me lembro o que coloquei na mala.

“Seguimos as orientações”, minha mãe entra na conversa. “Sem navalhas, lâminas afiadas ou cordões”.

Não consigo evitar me encolher de medo. Nunca fui suicida e não consigo pensar em uma forma pior de ir do que pelas minhas tentativas baratas. Não *quero* ir a lugar algum. Gosto daqui. Gosto de respirar e ler livros e assistir à TV.

“Tenho certeza que sim, sra. Hades. É só rotina, sem nenhuma má intenção. Temos de garantir que estamos fazendo nosso trabalho”.

“Tudo bem”, minha mãe diz, embora dê permissão a algo sob o qual não tem controle. “O que for ajudar a Mary”.

“Claro. Então, Mary, gostaria de ver seu quarto?”

Olho para minha mãe e meu pai. É isso? É esse o momento em que eu vou e eles vão e eu fico presa aqui, na terra dos chãos brancos e estridentes?

“Então tá”. Meu pai limpa a garganta e quebra o silêncio. “Sua mãe e eu deixaremos você se instalar. Não queremos estragar sua imagem”. Ele balança de volta nos calcanhares de modo estranho, embora não saiba exatamente o que fazer.

Minha mãe está chorando. Ela está tentando não chorar, mas seus olhos radiantes se misturam com a água da chuva no rosto. Ela me puxa para um abraço difícil e aperta meu cabelo úmido. “Fique em segurança, querida. Voltaremos para você logo. Vamos visitar o tempo todo. Prometo”.

Ela me entrega ao meu pai. “Ligue para nós se precisar de alguma coisa. Seja boazinha, Tigresa”. Ele não me chamava assim desde que eu tinha oito anos.

“Ficarei bem”. Reviro os olhos. As costas de minha mãe se enrijecem um pouco. Ofendi-a agora por não estar tão triste ao vê-los partir. Claro que ela não vê isso, minhas mãos tremendo ou o jeito como puxo a manga da camisa e a enrolo em meu punho. Ainda assim, outro exemplo de comportamento para registrar em ‘adolescente rabugenta’ ou ‘maneiras como minha filha adolescente se comporta que eu não entendo’. “Verei vocês logo”.

“Vamos visitar o tempo todo”, ela repete.

Eu quase desabo. Quase deixo as lágrimas chegarem. Respirar fundo é o suficiente para segurá-las. “Ok”.

“Tome cuidado, querida. Não se esqueça de tomar seus medicamentos”, minha mãe diz.

“Vou tomar, prometo”.

Depois de outro abraço rápido, vejo-me sendo levada pela enfermeira enquanto meus pais se afastam. É isso. Sou uma paciente internada.

“Agora, amor, meu nome é Frances Granger. Você pode me chamar de Frances, pode me chamar de Enfermeira Granger ou pode me chamar de Enfermeira Frances. Você não pode me chamar de ‘Enfermeira’ ou ‘Senhorita’. Não somos assim aqui. Somos uma comunidade. Você não pode me chamar de ‘Sra. Granger’, também. Esse é o nome da minha mãe”. Ela dá risada enquanto nos afastamos de meus pais. Olho por cima do ombro e vejo o homem magro mostrando o caminho para eles. A Enfermeira Granger continua tagarelando. É como se ela estivesse tentando me distrair de tudo. É legal da parte dela. “Esta é a área comum”. Viramos em uma seção dividida por sofás cinzentos com almofadas claras — escritaninhas e mesas que poderiam ser de qualquer sala de aula em qualquer escola padrão — e uma televisão antiga. Há cerca de meia dúzia de garotas e garotos da minha idade. Eles todos usam calças

folgadas de corrida e agasalhos. Alguns simplesmente olham o lugar. “Há uma estante de livros com vários materiais para leitura. Jogos de tabuleiro e baralhos de cartas estão no baú próximo à estante. Vocês devem revezar os jogos entre vocês. *Alguns* pacientes pareciam gostar de usá-los o dia todo, então nós distribuímos fichas agora”.

Passamos por um grupo de quatro pessoas jogando cartas. Elas riem e brincam como velhos amigos. Talvez este lugar não será tão ruim. Mas, então, vejo outros pacientes sentados sozinhos, murmurando sob a respiração. Não consigo evitar. Fico assustada. Quero fugir deles.

“Este corredor leva aos quartos. Há banheiros à direita. Você pode ver as sinalizações de masculino e feminino. Você vai dividir com outra garota. Os quartos dos meninos ficam mais ao final do corredor. À esquerda, depois das portas duplas, estão os chuveiros e banheiros”. Ela para em uma porta com um painel estreito de vidro. Está congelado. “Toc! Toc!” ela diz em uma voz animada.

“Quê?” vem a resposta.

A Enfermeira Granger abre um pouco a porta. “Sou eu, Lacey. Estou com a sua nova colega de quarto”.

“Outro cordeiro para o abate”, diz a voz. Ela sugere ameaça e os pelos atrás do meu pescoço ficam eriçados.

A Enfermeira Granger faz um barulho com a língua e escancara a porta, deixando-me entrar. “Oh, pare com isso, Lacey. Sério, Mary, ela não é tão má quanto se faz parecer”.

Eu dou um passo relutante para dentro do quarto. Lacey senta em uma cama de solteiro desarrumada do lado direito do quarto. Ela tem um monte de cabelo loiro platina derramado sobre o moletom, que está bem puxado até o queixo. Seu nariz está em um livro e ela não se move, nem ao menos para me olhar.

“Você ainda está molhada da chuva, querida”, a Enfermeira Granger diz. “Irei pegar uma toalha para você e algumas roupas limpas”.

“Quando terei minhas coisas?” pergunto enquanto ela se vira para sair.

“Assim que tivermos checado tudo. Vou deixá-la para conhecer Lacey. O Dr. Harrison vai querer vê-la mais tarde, para conversar. Tudo bem?”

Concordo e ela sai, fechando a porta. Lacey atira o livro na cama e fica de pé em um salto.

“Vamos dar uma olhada em você, então”. Seus olhos rastejam meu corpo. De cima a baixo, duas vezes. “Você não tem aquele olhar vidrado-depressivo. Você não é inquieta o suficiente para ser uma viciada ou maníaca. Pelo que você foi internada?”

Não quero contar a uma estranha. “É complicado”.

Ela bufa. “Aposto que é”.

A lâmpada fluorescente pisca acima de minha cabeça. Tento me afastar dos olhos pretos de panda da Lacey e em vez disso me concentrar na janela no fundo do quarto. Há um criado-mudo em frente, com armário embaixo. O vidro está sujo e congelado. Lá fora, a chuva cai torrencialmente.

“Você não tem os olhos loucos de uma psicótica”, ela continua. “Voluntária ou involuntária?”

“Um pouco dos dois”, respondo, andando para examinar o guarda-roupa. Os cabides são de plástico. Como tenho dezessete, não sou mais criança, então foi minha a decisão no final das contas. Mas o Dr. Harrison disse que achava que enquanto eu não corresse perigo imediato de ‘machucar a mim ou aos outros’, com meu ‘histórico’ ele ‘sugeriria fortemente’ que eu considerasse me internar em uma ala psiquiátrica. Mesmo se por pouco tempo.

“Você também tem dezessete, então?” ela pergunta.

“Sim”.

“Então... não é viciada, bipolar, psicótica... tem que haver uma razão”.

Por que ela não conseguia parar de falar nisso?

“TEPT?”

“Eu realmente não quero falar sobre isso”, falo ríspida. “Estou aqui há apenas cinco minutos. Meus pais acabaram de ir embora”.

“Entregue pelos pais. Legal. Os meus não estavam nem aí”.

Quando me viro do guarda-roupa de volta para ela, ela cutuca meu estômago. “O que você está fazendo?”

“Não exagerou na dose recentemente então? Não quero uma colega de quarto suicida. Cara, elas são *tão* chatas”. Ela levanta as mangas da minha roupa.

“Ei!”

“Bom, você não é de se cortar, também. Odeio o sinal de sangue. E você tem um pouco de carne, então não é anoréxica. Odeio dividir com elas. Toda a comida podre enfiada debaixo da cama. Eca!”

“Você se importa?” afasto-me e sento em minha nova cama.

Lacey senta de volta na cama dela. Por um minuto ela parece um pouco chateada. Arrependida até.

“Desculpa”, ela diz. “Nunca sei quando calar a boca. Eu-eu sou Lacey Holloway. Sou um pouco maníaca e antissocial. Pronto! Está melhor?”

“Acho que sim”.

“Você é de fora da cidade?” ela pergunta.

“Sim. Harrington, conhece?”

Ela concorda. “Bem luxuoso em Harrington. Aposto que você tem uma bela casa”.

“Ela é normal”.

“Sim, aposto”. Lacey tem um leve sorriso malicioso, mas ela não dá a impressão de uma pessoa má — apenas bagunçada. “Melhor que morar na propriedade rural”.

“Aquele perto da estação de trem?”

“Sim. É podre”. Ela aperta o nariz como se pudesse sentir o cheiro a oito quilômetros de distância. “Prefiro aqui. Mesmo com a Enfermeira Granger sendo uma carrasca”.

“Ela parece normal”.

“Oh, ela é no começo. Mas logo se torna asquerosa”. Lacey pisca. Tenho a impressão de que ela gosta de exagerar.

“Ela é um pouco da Enfermeira Ratched?” pergunto.

“Você o quê?”

“Como em ‘Um Estranho no Ninho’?”

“Não sei, cara. Nunca ouvi falar”.

“Oh, ok. É um livro e filme famoso? Não importa”. Continuo. “O que você está lendo?”

Lacey pega o livro e examina a capa como se estivesse tentando se lembrar. “Só um romance sentimental. Você fica tão entediada que vai ler qualquer coisa aqui. Li um livro sobre canais semana passada”.

“Há quanto tempo está aqui?”

Ela expira pelos lábios macios, ecoando em um som desengonçado de *brrrr-brrrr-rrr*. “Ah, não sei. Quase um ano”.

“Um *ano*?”

“Sim!”

“Mas... é muito tempo”.

“Acho que é”. Ela dá de ombros. “Já fui para casa nesse tempo. Não funcionou”. O rosto dela entristece. “Então, acabei voltando”.

“Mas e os estudos? Você não vai para uma faculdade ou universidade?”

“Não sou esperta o suficiente, ou rica o suficiente. Não como você”.

Abro a boca para dizer alguma coisa. Não sei o quê. Não sei como responder. Felizmente, a Enfermeira Granger aparece na porta com toalhas e roupas.

“Há algum lugar para eu me trocar?” pergunto docilmente.

“Não se preocupe, não vou olhar”. Lacey levanta o livro e enfia o nariz nele mais uma vez.

Capítulo Três

Por um tempo, as coisas não são nem um pouco ruins como havia desenhado em minha mente. A visão mais perturbadora é Lacey, cutucando as unhas do pé. Embora eu consiga começar a relaxar em meu quarto, principalmente após ter minhas coisas de volta e poder pendurar uma foto da minha família, algo me detém de me aventurar nas áreas comuns. Lacey acha isso frustrante e quase me arrasta pelo braço. Ela me puxa pelos sofás, apontando as coisas que a Enfermeira Granger já havia me mostrado no caminho de entrada. Não adianta. Tudo que vejo são cantos escuros com médicos à espreita. Sei que através das duas portas grossas de vidro está o resto do hospital, com pessoas morrendo, tendo suas entranhas abertas ou parindo, ou quaisquer outras coisas nojentas que acontecem.

Consigo escapulir dela e voltar para o nosso quarto. Ela não me segue.

Como isso vai funcionar? Como eu devo melhorar quando a coisa que deveria me ajudar a ficar melhor me assusta? Pelo mais breve dos momentos, tudo desmorona, hesito e encosto na parede. Há um flash brilhante em minha mente e estou de volta lá, as chamas lambendo minha pele. Aperto bem os olhos e os abro novamente. A luz do corredor pisca, uma... duas... três vezes. Meu coração palpita como as asas de uma borboleta presa.

Há um garoto no corredor, cerca de seis metros de distância. A luz pisca sobre a cabeça dele. Só o vejo por dois segundos e, então, ele some. De volta ao quarto, imagino.

O capuz estava na cabeça, então só consegui um relance de seu rosto. Eu podia jurar que ele tinha olhos verdes, mas talvez fosse a luz me pregando uma peça. Recupero-me e encontro meu quarto. Um trovão explode à distância. A água corre na vidraça como um riacho. Quero estar em casa.

Lacey me traz um sanduíche de atum para o almoço. “Não é vegetariana, é?”

Balanço a cabeça.

“Não achei que você fosse querer comer lá fora hoje”.

É tão atencioso da parte dela que meus olhos se enchem de lágrimas. Mais para evitar seu olhar do que qualquer coisa, puxo o plástico do meu sanduíche e começo a comer. O pão ficou empapado de muita maionese e as cascas estão secas.

“A comida aqui é uma merda”, ela diz. “Mas você se acostuma”.

Concordo, ainda preocupada que eu possa chorar.

“O primeiro dia é o mais difícil”. Ela tira a casca do sanduíche dela. “Mas depois, as coisas melhoram. Vou apresentá-la para todo mundo amanhã, se quiser”.

“Ok”, digo.

“Uau, você é falante. Quero dizer, vamos, você está me dando dor de ouvido aqui”. Lacey revira os olhos e o sorriso malvado está de volta. “Não precisa continuar com o assunto”.

Finalmente, olho para ela e rimos um pouco.

“Garotas?” a Enfermeira Granger aparece na porta novamente. “Aproveitando o almoço?”

“Sim”, murmuramos em uníssono.

“Bom. Mary, depois de comer, o Dr. Harrison gostaria de vê-la. Venha até à cabine na entrada quando estiver pronta e irei levá-la”. O rosto redondo e agradável dela desaparece da porta.

Meu sanduíche de atum não parece tão apetitoso agora. Ouvir o nome de alguém que já vi fora do hospital me lembra da minha família e de tudo fora da ala. Sinto uma pontada no coração quando percebo que já estou com saudades deles.

“Eu não iria me preocupar com isso. Não acho que você esteja pronta para a camisa de força ainda”, Lacey diz com uma risada. “Ele vai falar com você sobre sua medicação e a terapia aqui e essas coisas. Não é nada para se preocupar. Que tipo de drogas você está tomando?”

Não respondo.

“Sério, cala a boca, Mary. Você está me deixando louca com essa tagarelice. Além do que, provavelmente verei o que o velho Lurch te entrega de manhã”.

“Quem é Lurch?”

“Dr. Gethen, na cabine. Você não acha que ele parece um monstro? Com aquela corcova e os olhos horripilantes”.

“Não, não mesmo”, respondo.

“Ah, pelo amor de Deus, você poderia se animar?” Ela revira os olhos para mim.

Meu estômago faz barulho, mas consigo animar Lacey com um sorriso antes de me levantar da cama e jogar fora o sanduíche de atum na lixeira pelo caminho.

Lacey grita meu nome. “Pensei que você não fosse anoréxica! Isso vai ficar fedendo no quarto, você sabe. Sinceramente, eu esperava mais de uma garota de Harrington”.

*

“E as suas visões?” o Dr. Harrison diz.

Encontro meus olhos perambulando o escritório dele em vez de responder a pergunta. Ele tem muitos livros. Sua mesa é desarrumada e tem uma pilha enorme de papéis e globos de neve cafonas. Fileiras de pequenos trolls e mascotes baratos estão presas em cima do computador com massa adesiva.

“Eu... hm... não sei”.

“Você viu algo fora do comum?” A sobranalha peluda dele levanta. Ele se inclina sobre a mesa, os cotovelos descansando em blocos de anotações. “Nada incomum mesmo?”

Balanço a cabeça.

“Ok. Bem, vamos mantê-la na mesma dosagem da antipsicóticos como antes. Você tomou sua dose antes de vir ao hospital, como eu lhe disse?”

“Sim”.

“Bom. Isso é bom. Então, vai tomar seu medicamento amanhã de manhã, antes do café. Às 9 você vai à cabine e recebe, ok?”

“Sim”.

“Bom. E como você está se instalando? Está se dando bem com a Lacey?”

“Sim”.

“Bom. Achei que sim. Ela está aqui a um bom tempo e entende do assunto. Lacey irá lhe mostrar o lugar e ajudá-la a se acomodar. Há sessões diárias de terapia em grupo que eu espero que você participe. Ok?”

“Sim”.

Ele abre a boca, provavelmente para dizer ‘bom’, mas então a fecha novamente e encontra meus olhos com os dele. Eles são um pouco injetados e de uma cor azul comum. Linhas, bolsas e alguns vasos sanguíneos rompidos arruinam a pele em volta dos olhos dele. “Mary, a experiência e a terapia que você recebe nessa ala serão tão boas quanto você contribuir com elas. Você precisa interagir com as pessoas aqui. Agora, quero que participe ativamente nas sessões de terapia em grupo, ok?”

“Sim”.

O Dr. Harrison suspira e esfrega as têmporas. “Tudo bem. Você pode ir agora. Não se esqueça de pegar seu medicamento com o Dr. Gethen, na cabine, às 9h em ponto. Por favor, escreva quaisquer visões que você tiver, como qualquer coisa que você viu na época do acidente”.

Minha pele congela.

“Ok”. Levanto-me para ir embora.

“A Enfermeira Granger está lá caso você tenha algum problema. Há alguém supervisionando a cabine a todo o momento. Normalmente, o Dr. Gethen”.

“Ok”.

Para voltar ao meu quarto tenho de passar pela cabine, a área comum, os banheiros e todo o corredor. Ninguém parece se importar comigo — eles estão muito interessados em assistir à televisão matutina ou jogar cartas. Alguns estão simplesmente muito envolvidos com si mesmos para se importar. Eles encaram as paredes, os lábios se movendo, mas não emitindo som algum. Assistentes de cuidados sentam próximos a eles, com livros abertos nos joelhos. Quando um garoto, por volta dos catorze anos em aparência, com um rosto fino e pele pálida, pula e faz barulhos guinchando, o assistente fica olhando com cautela, mas não intervém.

Cada músculo meu ficou tensionado quando o garoto guinchou, e meu estômago revirou. Apesar de dizer a mim mesma para não ser tão idiota, ando mais rápido para o meu quarto. A estúpida luz do corredor pisca novamente. Atrás de mim, o garoto agitado guincha. Olho para trás, tirando o fôlego na garganta. O assistente de cuidados tenta acalmar o garoto, mas ele acerta o sofá com os punhos. Viro-me e continuo pelo corredor, apressando-me e não prestando atenção ao que estou fazendo.

As luzes piscam acima da minha cabeça e eu vou cambaleando longe da sala comum, movendo-me tão rápido que não vejo os tênis deixados no chão. Tropeço, prendo meu pé atrás da perna da calça, e não tenho escolha a não ser deixar-me cair no chão, com os dois braços batendo estupidamente. As palmas das mãos e meu rosto batem no chão ao mesmo tempo, deixando minha pele ardendo.

Mas eu não me importo que está ardendo; quero levantar o mais rápido possível, de preferência antes que alguém perceba. Ao fazer isso, quase caio novamente. Com um gemido, chuto os tênis ofensivos, aperto e solto os punhos para ter o tato de novo em minhas mãos.

“Fez uma boa viagem?”

Viro-me para ver uma figura encapuçada atrás de mim. A voz dele é baixa e silenciosa, com um quê de sarcasmo. A luz pisca e fica mais forte, revelando olhos verdes e um sinal de barba curta escura debaixo do capuz. O garoto de antes. De perto, vejo que ele é alto, robusto e fica de pé com desdém e os braços cruzados. Ele empurra o capuz para revelar um sorriso forçado e cílios grossos.

“Tanto faz”, murmuro, afastando-me dele. Não tenho tempo para sarcasmo hoje. Ele pode continuar devagar.

Enquanto começo a abrir a porta do meu quarto, algo me faz virar para o garoto. Ele sorri e diz, “Sou Johnny. Prazer em conhecê-la”.

Desvio o olhar, abrindo a porta. Ela faz um barulho enorme. De novo, olho para trás. Johnny sumiu.

Capítulo Quatro

Eu sempre achei que meus demônios se revelassem de dia, em vez de à noite. Nunca tive medo do escuro. Só sempre tive medo de coisas reais: ficar doente, tomar injeção, dor física... morte. Esses são meus monstros, não fantasmas ou vampiros ou o que quer que se esconda debaixo da sua cama à noite. Acho que assassinos em série poderiam pegá-lo à noite, mas eles podem pegá-lo à luz do dia com a mesma facilidade.

Eu estava errada.

O escuro torna tudo pior.

Lacey me alerta sobre Frankie, o garoto que grita. Ele está na Magdelena por um bom tempo. Os gritos vêm de nenhum lugar e acontecem a qualquer hora, dia ou noite. Naquela noite, acordo com o suor frio ao som de seus guinchos, ecoando pelo corredor, e o barulho de sapatos contra o linóleo enquanto as enfermeiras e os assistentes de cuidados se apressam até seu quarto. Lacey nem ao menos se mexe.

Depois disso, cada barulho é ampliado. Cada brilho da luz parece sinistro. Carros ocasionais chegam e saem do estacionamento de vários andares do lado oposto ao nosso quarto. Eles vêm e vão a altas horas. Minha mente começa a viajar cada vez que os faróis se infiltram pelas janelas. Invento histórias para cada motorista. Às 3h da manhã, uma família sai do lado da cama da agora falecida avó. Ela os havia esperado sair do quarto antes de deixá-la morrer. A presença de sua família a ajudou a se prender por alguns momentos extras, mas ninguém pode durar para sempre. Às 5h, a enfermeira termina seu turno e vai para o carro. Ela vai destrancar a porta, mas a encontra destrancada. Que estranho. Ela tinha esquecido de trancar? Ela deve estar trabalhando demais de novo. Terá de pedir alguns dias de folga. Pelo menos, ninguém roubou o carro ou o rádio. Isso é muita sorte. Ela dirige sem checar o retrovisor. Ela deveria ter verificado...

Você pode dizer que isso é estranho. Que *eu sou* estranha. Porque não acredito em fantasmas, mas acredito no que vejo. Vejo algumas coisas estranhas. Vejo pessoas com coisas erradas nelas, ossos e machucados e pele pálida como a morte. Elas me entregam mensagens. Elas me ajudam a impedir coisas ruins de acontecer. Não sei o que são ou por que elas vêm a mim. Talvez sejam algum tipo de sobra da essência ou uma parte da minha mente tentando juntar os pedaços. Não sei e não fico pensando nisso.

O problema é — elas me colocam em apuros. Como durante o incidente.

Eu estava na escola. Essa garota que conheço, alguém que eu queria impressionar mas não alguém que seja uma boa amiga, convidou-me para uma reunião informal. Um grupo de nós arrombou a escola com muito álcool e começou a ficar bêbado, pintar o saguão de esportes com spray e basicamente zonear. Não sou assim normalmente. Sério. Mas acho que eu precisava liberar a pressão ou algo do tipo. As coisas... as Coisas que vejo... elas estavam me incomodando e eu queria um tempo. Queria ser uma *criança* de novo.

Então, na semana antes de arrombarmos a escola, uma das Coisas veio até mim durante a aula. Em um minuto estou fazendo anotações sobre o ponto de ebulição do etanol e, no outro, esse homem de couro, sem um olho e pele tingida de verde está de pé próximo a minha mesa. Ele coloca a mão sobre a minha e move a caneta. *Fogo. Sangue. Escola.*

No outro instante, ele sumiu.

Meia hora depois, Gary Jones acende seu bico de Bunsen e ele explode! O sr. Qureshi havia desaparecido para pegar mais óculos de proteção no aparador ao lado e enquanto todo mundo gritava,

“Senhor! Senhor!”, eu corro para a frente e afasto Gary. O sr. Qureshi se lança dentro do laboratório, pega um extintor e apaga o fogo. Só depois que eu solto Gary que vejo o corte em meu cotovelo. Eu havia prendido em um pedaço de proveta quebrada. Foi o suficiente para mim. Desmaiei.

Na noite do incidente, dentro do saguão de esportes com Anita Taylor, metade do time de rúgbi, a irmã da Anita e suas amigas — a equipe Nível-A — estamos sentados passando vodca em um círculo quando alguém, por embriaguez, menciona que parece que estamos acampando. Alguém enrola um baseado e as coisas ficam confusas.

Fico longe por um tempo. As luzes se apagam. Alguém cria luz. Ela tremula e se move como se estivesse dançando. Alguém do tipo de rúgbi vem se sentar ao meu lado, o joelho dele tocando o meu. Seus braços se aproximam até um deles ficar sobre meu ombro e ele me puxa um pouquinho para o peito dele. É legal por um momento, mas então a sensação de asfixia me esmaga. O zumbi com a pele de couro podre volta, pintando com spray as paredes: *Morrem morrem morrem. Vocês todos morrem morrem morrem.*

De repente, não estou mais tão longe. Os idiotas haviam acendido uma fogueira e as chamas já são mais altas do que eu. Uma fumaça preta cresce e os alarmes estão gritando. Não vejo Anita em lugar algum. O cara do rúgbi desmaiou no chão e parte do seu jeans está pegando fogo. Dou um chute em seu tornozelo, parando as chamas. Então, arrasto-o para fora do fogo.

“Anita? Anita?” grito.

Acordo.

Lacey me encara. “Você está bem? É quase 8:15. Você precisa tomar banho ou nunca terá tempo para o café da manhã”. Ela parece preocupada. “Pesadelo?”

“Sim, acho que sim”.

“Você vai se sentir melhor depois dos remédios”. Ela se afasta da cama e pega o delineador. Enquanto saio apressada do quarto, ela se inclina para o espelho. Por uma fração de segundo acho que vejo uma sombra no fundo do espelho e uns olhos verdes. Balanço a cabeça e saio.

*

No café, Lacey me apresenta a alguns dos outros pacientes. Yasmeen, uma garota anoréxica com cabelo trançado e óculos, que encara a comida por trinta segundos antes de começar a comer; e então tem o Marcus, um viciado em recuperação de Londres que diz ‘yeah’ no final da maioria das frases; ele fica inquieto no lugar e tamborila na mesa com a faca. Eles sentam juntos e parecem ser bons amigos, mesmo com um pequeno Frankie mal adaptado, o que grita, sentado com o assistente de cuidados e espirrando leite com a colher. Lacey me informa que a Natalie já tentou suicídio cinco vezes — ela entra e sai sempre que começa a planejar outro suicídio e, então, senta em perfeito silêncio, normalmente sozinha, até sair uma semana depois. Meus olhos são atraídos a ela. Ela senta tão imóvel. Seus olhos escuros encaram o nada.

Mohammed — ou Mo — administra sessões de pôquer. Ele é outro regular na Magdelena, entrando e saindo sempre que tem um episódio psicótico. Durante o café da manhã, ele me diz animado sobre a vez que comprou 300 libras em batatas fritas de sal e vinagre na internet e achou que as pessoas nas novelas estivessem falando com ele.

Também entre os jogadores de cartas estão Helen, que é uma comilona deprimida — ela sorri envergonhada e puxa o agasalho esticado; Tom, com Transtorno de Personalidade Borderline e dentes retos; e Anka, outra sofredora da anorexia.

Na metade das apresentações, perguntas desconfortáveis e cereal, ouço um alto soluçar vindo de fora da ala. Sigo o olhar de alguns dos pacientes, pelas portas de vidro. Você pode ver o corredor do hospital,

além da recepção, onde um homem conforta uma mulher angustiada, acariciando seu cabelo e dando palmadinhas nas costas. Ela afunda em seus braços, com pesar.

“Isso dá quatro. Quem apostou em três está fora”. Mo ergue a cabeça para o lado e avalia o resto da mesa.

“Eu não. Tenho cinco. Hels vai ter que pagar, yeah”. Marcus joga um sorriso para Helen.

“Eu só tenho coquetel de camarão sobrando”, Helen lamenta, “e é meu favorito”.

“Shh, Granger está vindo”, Lacey se intromete.

O resto da mesa abaixa a cabeça e continua o café da manhã.

“Bom dia”, a Enfermeira Granger diz. “Yasmeen e Anka, posso verificar suas tigelas, por favor?”

As duas garotas levantam suas tigelas, que foram bem raspadas. Anka parece um pouco que quer vomitar.

“Muito bem. Então vejo que todos já conheceram a Mary. Deem a ela boas-vindas calorosas”. A Enfermeira Granger bate os calcanhares como Mary Poppins e sai com um leve rebolar traseiro.

Mo fala, abafando o riso. “Que espetáculo, pessoal”, ele diz com animação forçada. “É melhor prepararmos uma ótima festa para dar as boas-vindas à Mary”.

“Não se esqueça da cerveja de gengibre!” Tom sugere.

Tento me juntar à risada, mas ainda há uma pontada dentro de mim, alguém me dizendo que eu deveria estar em casa.

“Tudo bem, é o suficiente, yeah. Estamos resolvendo as apostas, não é?” Marcus bate na mesa com a faca de plástico. Mal servia para cortar pão e manteiga. “Como quatro deles apagaram nessa semana, pelo menos. Então qualquer um que foi por menos de quatro precisa pagar”.

“Vocês estão apostando em *mortes*?” deixo escapar. “Isso não é um pouco... mórbido?”

O grupo cai na gargalhada. “Onde você esteve, garota? Aqui é a central mórbida, não é? Você está certamente em um hospital psiquiátrico, yeah”, Marcus diz.

Mo sossega primeiro. “Há uma unidade de cuidados paliativos depois da entrada”, ele explica em um tom calculado. “É basicamente para pessoas com doenças terminais”.

Uma sensação gelada se espalha pela minha pele. Vovó na cama do hospital. Magra e sem vida.

“Cuidado de fim de vida”, Lacey diz com melancolia. “Assim que chamaram quando meu avô morreu. Soa muito melhor do que morrer. Tira a dor”.

“Imagino se é assim que *ela* vê”, Yasmeen diz, apontando a cabeça para Natalie. “Terminar coisas”.

“Ou começar”, Tom participa, “depende do que você acredita”.

O grupo para e cutuca o cereal. O silêncio desce sobre a mesa. Frankie guincha e o choque do barulho alto depois de tamanha pausa faz um solavanco subir minhas costas. Eu dou um pulo literalmente e agarro o peito. Mo vira seus olhos castanhos escuros para mim e ri.

“Você vai ter que ser mais forte, garota. As coisas vão ficar piores do que isso”, ele diz.

Algo me faz querer virar para o fundo da sala, como se eu sentisse uma presença. Johnny entra. Seus olhos verdes brilham debaixo do capuz. A visão dele lança formigamentos pelos meus braços, quase igual quando vejo as Coisas, exceto por eu meio que gostar de ver Johnny, com seus olhos verdes debaixo do capuz. Não sou terrivelmente apaixonada por zumbis com carne apodrecendo.

Ele não pega o café da manhã. Em vez disso, paira pela sala antes de virar e correr de volta para o corredor. Estou quase perguntando ao grupo sobre ele quando Marcus começa a insistir que os outros o paguem batatas e chocolate. Olho para o vidro, onde você só consegue ver o corredor e a unidade de cuidado paliativo. De pé do lado de fora — pelo mais breve dos instantes — vejo o homem com o rosto do tipo caveira. Seus ossos brilham através da pele. Retiro a imagem da minha mente e continuo o café da manhã.

Capítulo Cinco

Terapia em grupo. Deve ser uma das coisas mais deprimentes, frustrantes, sem propósito, horrível destruidora de almas que já fiz em toda a minha vida. Sentamos em um círculo, em cadeiras desconfortáveis, balançando as pernas e fazendo furos nos agasalhos. Uma assistente social nos dá um tópico para discutir: *O que fazer se seu parceiro abusar fisicamente de você; Encarando o vício; Lidando com pensamentos suicidas*. Não sei nada sobre esses assuntos e quando tento oferecer qualquer tipo de opinião é tão trivial e abrupta que penso sobre minha educação e habilidades sociais.

“Talvez ela devesse ir à polícia se alguém está batendo nela”, sugiro. Surgimos com uma situação hipotética na qual um marido está batendo na esposa. Ela tem filhos e mora em um flat apertado, onde ele bebe e não tem emprego. “Ou largá-lo. Com as crianças”.

“Para onde ela iria? Se não tem parentes, dinheiro ou amigos?”

“Bem, isso é um pouco estranho”, vejo-me dizendo. Mo lança para mim um sorriso distraído. “Todo mundo tem alguém”.

“Não se você foi isolada por um esposo controlador”, a assistente social acrescenta. Ela é um rato de mulher, magrinha e rosto alongado.

“Acho que você iria para um daqueles abrigos para mulheres espancadas, então. Eles existem de verdade, certo?” digo.

“Eles existem com um orçamento”. A assistente social vira olhos severos para mim. “Eles têm espaço, finanças e instalações limitados...”

“Mas a polícia...” começo.

“Você claramente não conhece a polícia por aqui”, diz uma garota de aparência violenta com uma cicatriz no queixo.

Fico boquiaberta. Não consigo aceitar que não haja nada que alguém possa fazer. “Por que ela não reage?”

A assistente social balança a caneta para mim. “Bem pensado. Mais alguém tem alguma opinião nisso?”

“Adicionar violência à violência só aumenta a violência”. Mo dá de ombros. “Vale a pena? Além do que, como ela vai aprender autodefesa? Ele tem anos de prática em luta. Ela, nenhum. Ele provavelmente é fisicamente mais forte, então mesmo que ela pegue uma faca ele poderia desarmá-la”.

Mo parece saber o que está falando e isso me envergonha. Tive uma vida tão protegida. Não sei nada sobre como é realmente batalhar.

Minha mente divaga enquanto a assistente social continua a vida condenada dessa mulher sendo espancada pelo marido. Ela passa pelas opções em um abrigo para mulheres espancadas, as orientações e as regras da polícia; é como se ela estivesse resignada a pensar que teremos de lidar com isso um dia, que já somos vítimas.

Johnny entra. É estranho; não ouço ou vejo a porta abrindo, mas de repente ele está lá, sentado na cadeira vazia ao meu lado, com as costas relaxadas, as mãos enfiadas nos bolsos e projetando os pés para a sala.

“Divertindo-se?” ele pergunta com a voz baixa.

“Não, não mesmo”. Ainda estou vacilando pelo fato de que ninguém pode ajudar nossa mulher hipotética. Não é assim o mundo no qual acreditei ao crescer. Não foi nisso que meus pais me fizeram

acreditar, que há sempre o bem.

“Você não consegue lidar com isso aqui, consegue?” Johnny diz. Seus olhos verdes brilham para mim, a luz captando as manchas âmbar. Um sorriso vagaroso rasteja em seu rosto, como um gato predatório. Isso me irrita.

“Sim, consigo”.

“Você não pertence a este lugar. É tão óbvio”. Seu olhar me desafia como ninguém fez antes. É desafiante e sarcástico e um pouco mau.

“Você não sabe nada sobre mim”, digo firme. “Nada”.

Ele faz um barulho com a língua contra o céu da boca. “Temperamento, temperamento. Eu sei que você não é forte o suficiente para este lugar. Não é forte o suficiente para saber o que realmente está acontecendo”.

“Mary, o que você acha?” a assistente social diz.

Viro-me para ela, no meio da sala, e ela balança a cabeça para mim, ansiosa. Um reflexo de suor frio se constrói na parte de trás do meu pescoço. É como estar de volta à escola quando você não estava ouvindo o professor e fica com medo de tomar uma bronca severa. Talvez Johnny esteja certo. Talvez eu não seja forte o suficiente.

“Hm, sobre o que estávamos falando? Sinto muito, eu...”

“Tudo bem”, a senhora diz. “Eu sei que é difícil se concentrar aqui, às vezes”.

Surge a ideia de que ela deve estar acostumada a lidar com pessoas viajando. Meu lapso de concentração não é nada comparado a alguém em psicose ou no meio de uma má depressão. Talvez eu seja a ‘melhor’ aluna que ela já teve por um bom tempo.

Habilmente ela segue falando sobre outro tópico para discussão e eu volto para o Johnny, para descobrir sobre o que ele estava falando. A cadeira está vazia.

*

“Você tomou seu medicamento?” minha mãe pergunta antes mesmo de dizer oi. “Fiquei preocupada com isso a noite toda”.

“Por que você se preocuparia, mãe? Estou no hospital — claro que vou tomar meus medicamentos”.

“É o que tento dizer a ela”, meu pai diz. Ele revira os olhos para ênfase dramática.

“Como eles estão fazendo você se sentir, querida? Você está na dosagem certa?”

Dou de ombros. “Está ok. Fico um pouco desnorteada às vezes. Um pouco dormente aqui e ali”.

“É muito? Talvez seja muito. Talvez você devesse marcar uma consulta com o Dr. Harrison. Ele vai poder resolver para você—”

“Mãe, estou bem. É só uma daquelas coisas. Vamos sentar?”

Eles mal estão a um metro das portas de vidro. Para falar a verdade, quero ficar longe do corredor, sabendo o que sei sobre a unidade do outro lado do saguão. Sempre que vejo as portas dos cuidados paliativos imagino os pacientes definhando em suas camas.

Enquanto vamos até a sala comum, meu pai me olha de soslaio, apreensivo. “Você está bem, criança?”

“Sim, por quê?”

“Por nada. Você parece um pouco assustada, só isso”. Ele me puxa para um abraço de ombro por um breve momento.

Minha mãe senta no sofá cinza, colocando a bolsa entra os joelhos, como se achasse que alguém irá roubá-la quando não estiver prestando atenção. Eu sento do lado oposto. Meu pai traz chá da máquina de vendas automáticas.

“Então, os remédios estão certos?” minha mãe continua.

“Sim, tudo certo. Pare de falar sobre eles”. Suspiro.

O queixo de minha mãe vacila. “Não tenho a permissão de me preocupar com você agora, então? É isso?”

“Não”. Encontro um canto da mesa para cutucar com o dedão.

“E sua colega de quarto? Como ela é?” minha mãe desvia o olhar e pisca muito. Acho que ela quer que eu faça algo, pergunte se ela está bem, mas não farei isso.

“Ela é legal. Um pouco excêntrica”.

“Minhas orelhas estão queimando, hein?” Lacey aparece virando o corredor, cabelo loiro e delineador. “Esses são seus pais? Mary Sortuda!”

Meu pai coloca o chá na mesa. “Você deve ser a colega de quarto da Mary. Gostaria de chá, também?”

“Sem dúvida, sr. Hades! Faça um forte para nós, gosto de viver perigosamente”. Ela pisca para ele e eu coloco a cabeça nas mãos, envergonhada.

Meu pai parece achar que agora é um pai legal, que tem um laço com os filhos, porque ele se empertiga todo até a máquina de vendas com a barriga de cerveja empurrando à frente e o queixo alto para o teto. Quando ele volta todos nós sentamos.

“Esta é Lacey”, explico. “Nós dividimos o quarto”.

“Sua filha ronca e as meias dela fedem”, Lacey diz.

“Nós só dividimos por um dia”, contesto. “Minhas meias não cheiram mal”.

“Isso é o que você pensa”. Lacey aponta de mim para ela e de novo. “Esse tipo de uma para a outra... essa é a nossa coisa. Somos famosas por isso”.

Balanço a cabeça e rio. Não tem porquê discutir com a Lacey. Ela é como um furacão de personalidade. Dá um tapa em sua cara, como um balde de água fria, e você não tem escolha a não ser lidar com isso.

“Bem, contanto que você esteja tomando conta da nossa Mary”, minha mãe diz sem um sinal de humor em sua voz.

“Mãe, ela não é minha babá”.

“Eu sei, eu sei. Seria legal se vocês duas, garotas, olhassem pela outra, só isso”.

“Então, criança, como é o hospício? O que vocês têm feito? A Enfermeira Ratched tem mandado você para a TEC já?” meu pai diz. Minha mãe lança para ele um olhar duro que poderia matar o unicórnio mais feliz no mundo de puro medo.

“Não, pai, não é assim. Nós prosseguimos com as coisas. Temos uma rotina aqui. Está tudo bem, mesmo”. *Com exceção das mortes arrepiantes do outro lado do saguão e a gritaria no corredor. Houve outra, hoje à tarde.*

“Você tem remédio de graça, chá fraco e pode ver o Frankie gritando para as cadeiras o dia todo. O que mais você ia querer?”

Bem na hora, Frankie começou a guinchar para seus visitantes. Imagino que sejam seus pais. Os dois usam ternos e fazem caretas sempre que ele grita. Meu coração se apaixona por Frankie.

“Ele faz muito isso?” minha mãe pergunta.

“Um pouco”, admito. “Você se acostuma”.

“Ainda assim, deve ser um pouco... desconcertante”, minha mãe não consegue parar de olhar e eu realmente quero que ela pare.

“É um hospital psiquiátricos, mãe. Quando você concordou que eu viesse para cá, o que você esperava?” falo irritada.

O queixo dela vacila de novo e eu me arrependo mesmo das minhas palavras dessa vez. Ela me convenceu a vir para cá, mas não é muito justo culpá-la por isso. Imagine ter que tomar aquela decisão

pela sua filha? Imagine ter essa responsabilidade? Eu não consigo. Meu pai olha para mim enquanto coloca a mão na dela.

“Nós deveríamos ir”, minha mãe diz. Ela busca a bolsa com a mão e a pega.

“Mas vocês acabaram de chegar”, protesto.

“Não, nós deveríamos mesmo ir. Estou feliz que você está se saindo bem, Mary. É um prazer conhecê-la, Lacey”. Ela coloca seu cabelo preto para trás e se recusa a olhar em meus olhos. Logo, ela está de pé e indo para a porta. Levanto-me e fico assistindo, boquiaberta.

“Sua mãe está um pouco sensível porque ela sente muito sua falta”, meu pai diz. “Não leve para o lado pessoal. Ela vai com certeza se arrepender do jeito que deixou você, hoje”. Ele suspira e olha para a esposa. Depois de um momento ou dois, ele quebra o feitiço e me puxa para um abraço de urso. “Fique em segurança”. Então, ele vira para Lacey e a cumprimenta. “Cuide da minha garotinha por mim”.

Lacey bate continência. “Sim, senhor, esse é o objetivo da minha missão esta semana. Não irei desapontá-lo, senhor, deixa comigo”.

Meu pai ri no caminho até a porta. Quando ele alcança minha mãe, ela se inclina e sussurra algo em seu ouvido antes de deixar os ombros afundar. Ela olha de volta para mim e eles saem da ala. O Dr. Gethen mostra o caminho para eles. Os ombros dele se arqueiam e ele anda tão devagar que meu pai quase vai de encontro com as costas dele.

“Problemas com a mãe ou quê, cara?” Lacey diz. “Acho que até vocês, bacanas, têm seus problemas”.

As palavras de Johnny voltam para mim. *Não sou forte o suficiente*. Ele provavelmente está certo. Não sou forte mesmo, mas eu definitivamente pertenço a este lugar.

Capítulo Seis

Os gritos de Frankie são piores à noite. Achei que meu corpo estaria cansado demais para me deixar acordada por outra noite, mas eu estava errada. Eu fico revirando na cama pela minha segunda noite, pensando na vida e como ela termina, ou começa, ou termina de novo. O tempo lá fora ainda está ruim; a reportagem informou sobre alagamentos. As enfermeiras tagarelam sobre isso na sala lá fora. Como elas irão para casa se alagar? Uma delas mora a 15 quilômetros da cidade. Não há ônibus ou trens funcionando à noite. Ela vai ter de dormir no hospital e arrumar alguém para olhar seu filho de quatro anos.

Há algo sobre às 2h da madrugada que deixa cair um véu entre a realidade e a fantasia. Ouço as pessoas falarem sobre véus entre mundos, mas acho que há véus em minha mente. Quando você está estressado, cansado ou doente, esses véus flutuam e por um instante você esquece o que é real e o que não é. Isso acontece comigo às 2h porque por um momento acho que Johnny está falando comigo ao pé da cama.

“Ainda acha que não sou forte o suficiente?” pergunto.

“Quase, sim. Você tem medo. Medo da escuridão”.

“Nunca tive medo do escuro”, ostento. “É idiota ter medo do escuro. As piores coisas que nunca poderiam acontecer com você têm a mesma chance de acontecer à luz do dia”.

Ele ri. “Confie em mim, você tem medo da escuridão e, antes que eu lhe diga, você tem que parar de ser tão medrosa”.

“O que é? O que você vai me dizer? Eu preciso saber!”

“Não posso”. Ele começa a desaparecer. “Não posso até que você não tenha mais medo”.

“Mas—”

“Sem mas”. Sua voz é um eco. Onde ele foi?

O escuro me leva a dormir.

Lacey me acorda brutalmente com um soco na costela. “8h, sua vaca, levanta”.

“Tudo bem”. Dou um gemido e viro para o outro lado. “Só mais cinco minutos”.

“Não. Agora. Você vai me agradecer quando sentir a água quente”.

Sei que ela está certa, mas meu corpo me diz o contrário. Ele me diz que dormir seria super incrível agora.

O café da manhã passa como um borrão. Marcus tagarela sobre suas apostas e ganhar as batatas da Helen. “Você vai me agradecer quando for se pesar. Entregue-as, yeah”.

Tom parece um pouco reservado. Talvez ele teve uma noite ruim, também. Frankie quase dorme no cereal. O assistente de cuidados tem que cutucá-lo para mantê-lo acordado. Natalie foi embora, fez a saída antes do café da manhã. Yasmeen e Anka empurram a comida pelo prato e olham para a chuva fora da janela. Lacey canta músicas populares e balança na cadeira.

Mo se aproxima. “Você está bem?”

“Estou bem, por quê?”

“Você tá com um certo olhar. É um que reconheço”. Seu olhar fixo é bondoso e calmo. Gosto da tranquilidade dele, sempre tão silencioso e consistente. Não consigo imaginá-lo fora de controle, mas é exatamente o que o coloca aqui em primeiro lugar. “Confie em mim quando digo que reconheço este olhar”.

“Eu tô bem, sério. Tive uma noite ruim de sono, só isso”.

“Se precisar de alguma coisa... só gritar, ok? Já entrei e saí deste lugar muitas vezes. Se eu pudesse voltar no tempo e ter a ajuda que eu precisava na hora certa, bem, acho que teria sido mais fácil. Se eu puder fazer isso por você, farei. Ou tentarei, de qualquer forma”.

Há algumas ocasiões nos meus dezessete anos em que eu fiquei sem palavras devido a certos eventos. Uma vez, quando eu tinha sete anos, meus pais me compraram um cachorrinho de Natal. Eu queria um há anos e eles sempre disseram não. Então, no dia de Natal, lá estava ele, com um laço vermelho brilhante na coleira. Depois do incidente na escola, quando todo mundo me odiava, encontrei meu armário coberto de grafite e minha melhor amiga tentando limpá-lo antes que eu visse. Claro, odiei o fato de alguém querer me machucar, mas significou demais para mim que minha melhor amiga tentou me salvar daqueles sentimentos ruins. Foi assim que eu senti. Quem teria imaginado que eu pudesse achar bondade em um hospital psiquiátrico?

Como passo tempo demais tentando encontrar as palavras certas para agradecê-lo, Lacey começa a assobiar com os dedos na boca. “Mary e Mo, sentados em uma árvore—”

“Ah, vai, Lace. Não seja assim”, Mo diz. “Somos quase adultos”.

“Aw, mas vocês fazem um casal tão fofo”. Ela faz beicinho.

“Gente, vejam isso”. Marcus aponta para a porta. Lá fora, há outra família aos prantos, sacudindo a mão de um médico em um longo jaleco branco. “Mais um cai morto”.

“Ah, cara. Não fale assim das pessoas. Um ser humano faleceu. Mostre um pouco de respeito”, Mo diz.

Os olhos de Marcus brilham de raiva. “Você tá me desrespeitando, irmão?”

“Não”, Mo diz com um suspiro. “Não estou mesmo. Senta e fica quieto”.

“Não me mande sentar e ficar quieto. Cuide da droga da sua vida, yeah”. Os olhos de Marcus se destacam do crânio.

Mo balança a cabeça. “Apenas se acalme, cara”.

Yasmeen coloca a mão no braço de Marcus. “Vai, amor”.

A Enfermeira Granger chega até nós, tão veloz quanto um leão sobre sua presa. “O que está havendo aqui?” Seu tom normalmente tranquilo sumiu e foi substituído por um ar frio e abrupto. “Eu preciso chamar o Roger e o George?”

“Quem são?” sussurro para Lacey.

“Os carregadores. Eles vão lhe arrastar daqui se você ficar zoneando. Então, normalmente você vai acabar no quarto branco”.

“É acolchoado?” pergunto, de repente com uma curiosidade mórbida.

Ela concorda. “Sim”. Mas não há nenhuma faísca de curiosidade ou humor em sua voz. Pela primeira vez desde que cheguei, Lacey está quieta e reservada. Imagino como deve ser o quarto branco.

“Não, Enfermeira Granger”, Mo responde. “Tudo bem. Só estamos brincando. Não é, Marcus?”

Marcus resmunga uma resposta e a Enfermeira Granger sai depois de nos lançar um olhar que sugere: ‘Estou de olho em vocês. Todos vocês’.

Marcus joga a colher na tigela de cereal e sai, deixando para trás uma Yasmeen quieta.

“Isso meio que veio do nada”, digo. Os outros não parecem tão surpresos quanto eu.

“Não se você conhece Marcus”, Mo diz, com as sobrancelhas levantadas.

“Ei, deixe-o em paz. Você sabe que é difícil com os retrocessos”, Yasmeen diz. “Ele só está tentando sobreviver e você vem e o maltrata assim”.

“Como eu o estava maltratando?” Mo responde. “Você precisa parar de defendê-lo quando ele está errado, Yasmeen. Ele tem ajuda. É você que está permitindo seus hábitos e temperamentos”.

Yasmeen levanta e arrasta a cadeira contra o chão duro. “Você *não* cuida deste lugar, Mo. Quanto mais cedo perceber isso, melhor. Como você ousa julgar pessoas assim? Quem é você para dizer essas

coisas?”

“Tudo bem, Yas—”

“Não me vem com ‘tudo bem, Yas’”. Ela para e abaixa a voz para evitar outra visita da Enfermeira Granger. “Por que você não faz um favor a todos nós e se concentra em você? Nós vamos tomar conta de nós mesmos, tá?”

“Tá”.

“Bom”.

Enquanto Yasmeen sai, finjo que há algo fascinante em minha tigela de cereal. Mo suspira, retira suas coisas do café da manhã e vai embora. Tom e Anka já tinham saído, deixando Lacey e eu sentadas lá.

“Isso foi uma porcaria intensa”, Lacey diz.

“Ah bom, você também está chocada, pensei que acontecesse o tempo todo ou algo do tipo”, digo.

“Bem, sim, Marcus se irrita fácil, mas nunca vi Mo e Yasmeen discutirem. Eles costumavam sair, sabe. Acho que algo ruim aconteceu entre eles quando Mo ficou psicótico. Ele ficou obcecado por ela por um tempo”.

“Mas eles estão na mesma ala? Obviamente não colocariam duas pessoas com um passado na mesma ala? Eles têm que se ver todos os dias!” digo.

“Onde mais eles vão? Você percebe que os pais de Mo podem bancar mandá-lo para um hospital particular? Eles têm que administrar isso. Ele está sob observação 24h por um bom tempo. Eles pararam com isso a algumas semanas”.

Não consigo acreditar. Quando Mo fala sobre sua doença, ele faz soar como se estivesse no controle. O jeito que ele entra e sai da Magdalena faz parecer quase trivial, algo sobre o qual rir; uma história única a contar. Mas a realidade é muito diferente. Soa engraçado quando alguém lhe diz que costumava achar que os programas de TV são reais ou que comeram um monte de batatas, mas quando você realmente pensa sobre o que passaram, o que essas histórias significam e como afetou aqueles ao seu redor... aí lhe atinge em cheio. Imagino se Mo é alguém de quem posso ser amiga genuinamente ou se ele sempre vai ser um cara que eu conheci em um instituto psiquiátrico, como uma anedota pitoresca. O mesmo sobre Lacey — consigo imaginar convidá-la para a minha festa de dezoito anos? Consigo imaginá-la conversando com meus amigos da escola, dizendo a todos sobre meus maus hábitos inexistentes e exagerando cada evento mundano em uma história de cinco minutos?

É assim que meus amigos me veem?

Sou a pessoa sobre a qual eles falam quando estão todos juntos? A garota que eles não têm certeza se deveria vir ao bar porque pode ser ‘estranho’? Torna-se claro para mim tão rápida e intensamente que Lacey estala os dedos em frente aos meus olhos.

“Terra para Mary! Hora do remédio!”

*

Durante os próximos dias, eu me afasto. É algo sobre o qual tenho consciência e não ao mesmo tempo. Irei me encontrar sentada em um canto, sozinha, lendo um livro. Não saberei por que a princípio. Então, percebo que estou passando mais tempo em meu quarto, menos tempo falando na terapia em grupo e Lacey desiste de me provocar sobre ser quieta. Ela me deixa estar. Só então percebo que me distanciei de todo mundo na Magdalena. Sou como a Natalie.

Toda manhã, sento encarando as portas de vidro e assistindo às pessoas indo e vindo. Marcus diz que eles retiram os corpos do outro lado da ala. Nunca verei um saco ou carrinho coberto com um lençol volumoso. Só verei sempre as famílias, saindo em luto. Não consigo parar de assistir. Há uma fascinação levando-me a sentar, paralisada, encarando o corredor, quase desejando que as pessoas saíssem aos prantos.

E toda manhã eu tomo comprimidos azuis. Por que os comprimidos são tão grandes e desconfortáveis? Na verdade, fico feliz que a Enfermeira Granger me veja tomando-as, porque então pelo menos sei que se eu engasgar alguém está lá para administrar a manobra de Heimlich.

Meia hora depois dos comprimidos, tenho a sensação de um véu caindo sobre meus olhos. É totalmente o contrário da outra noite quando sonhei com o Johnny. É como uma névoa. Às vezes é quase tangível, como se eu pudesse esticar as mãos em minha frente e tocar a grossa lã de algodão dos comprimidos enquanto eles me envolvem, de novo e de novo.

Não tenho visto Johnny há dias, nem mesmo na terapia em grupo, então acho que ele já foi: registrou a saída. Não o culpo. Eu o invejo.

Quando meus pais me visitam, falamos sobre o tempo.

Às vezes Mo olha de um jeito engraçado para mim nas sessões de terapia. Sua testa enrugada e ele franze. Ele tem a expressão de alguém que quer dizer algo, mas não acredita ser seu o direito de fazer. É a mesma expressão da minha mãe quando estamos visitando suas amigas e elas falam sobre os filhos ou ex-maridos ou irmãos apostadores.

Durante minha consulta no meio da semana com o Dr. Harrison, ele me examina com o queixo abaixado e eu tenho uma boa visão de suas bolsas salientes nos olhos. “Tudo bem, Mary?”

“Sim”, respondo, ciente de que ele provavelmente tem uma razão para me perguntar isso.

“Só que a srta. Burton não acha que você está se engajando na terapia em grupo. Isso está correto?” ele fala como se estivesse se dirigindo a uma criança temperamental.

“Não tenho nada a dizer. Os tópicos para discussão não são relevantes para mim”.

“Eles não devem ser”, ele me lembra. “Pelo menos não agora. Mas são relevantes para algumas pessoas na sala e eles podem ser relevantes para você no futuro. O propósito é equipá-la com tanto conhecimento quanto você precisa para viver bem *depois de sair* da Magdalena e para também falar sobre seus problemas. Eles são úteis para fazê-la interagir com os outros o que, por si mesmo, é um tratamento”.

Dou de ombros. Só tenho energia para isso. *Por que ele está se esforçando comigo?* Por algum motivo imagino Johnny rindo de mim no canto da minha mente.

Você tem medo da escuridão.

Uma sensação arrepiante se espalha pela minha pele e a sala entra e sai da minha visão. Pisco, tentando focar no Dr. Harrison. Com um choque percebo que uma das minhas visões da Coisa voltou. O rosto caveira aparece na janela com um sorriso maníaco. Seu dedo range pelo vidro, escrevendo na condensação que sua respiração deixa ali.

Levar.

Levar.

Levar.

Eu irei

Levar.

Levar.

Levar.

“Mary? Mary?”

As palavras e o homem-caveira desaparecem. O Dr. Harrison está se inclinando na mesa.

“Você estava alucinando, não?” ele pergunta.

É típico. Por que a Coisa apareceu para mim aqui e agora? Por que não poderia ter sido quando eu estava sozinha, para que eu pudesse copiar a mensagem, descobrir como interpretá-la e não ser incomodada por psiquiatras?

“Não”. Não estou mentindo, não mesmo. As Coisas não são alucinações. São visões. Por que ninguém acredita em mim?

“Vou aumentar sua dose”, ele diz.

“Não”, deixo escapar. “Não, por favor, não. Odeio aqueles comprimidos. Eles fazem eu me sentir horrível. Eu não sou mais *eu*. Por favor, não”. Estendo a mão para ele, mas acontece muito rápido e parece como se eu o estivesse agarrando. O Dr. Harrison recua, indo para longe de mim, e pressiona uma campainha debaixo da mesa. Em menos de um segundo, dois homens grandes entram na sala e me erguem, um em cada braço. “Espere. O que vocês estão fazendo? Parem!”

Sou idiota o suficiente para lutar e continuo lutando enquanto eles me arrastam pela área comum, onde todo mundo me encara. Os olhos de Lacey estão bem abertos. Há um misto de piedade e aborrecimento. Frankie aponta e guincha. Os olhos de Mo suplicam, com suas íris castanhas. Ele faz uma casinha com as mãos e pressiona os lábios contra ela. Eu o desapontei.

Johnny senta no corredor com o capuz na cabeça, rindo loucamente. “Eu lhe disse, garota. Não é forte o suficiente. Não ainda!”

“Eu sou! Eu sou forte o suficiente!” grito. “Você vai ver. Vocês todos vão ver!”

Eles me derrubam em uma cama acolchoada. Meus braços estão enfiados em uma camisa e amarrados atrás das costas. Uma agulha mergulha em minha pele. Odeio agulhas. Eu realmente as odeio... escuridão...

Capítulo Sete

Às 2h da madrugada, um véu levanta. Mas o que acontece quando você não sabe a hora? O que acontece quando a luz nunca se apaga? É assim aqui no quarto branco. É o limbo. Não é nem real nem fantasia. Não é vida e nem morte. O tempo não importa aqui. Não tenho certeza do que importa, na verdade.

Pelo menos posso pensar sobre o homem-caveira e sua mensagem. Significa alguma coisa, tenho certeza disso. Quando cheguei aqui no hospital, tive a estranha sensação de mau presságio. Um medo terrível penetrava pelas fendas nos chãos e paredes, procurando minha pele. Achei que fosse eu, meus medos, os *monstros*, vindo me assombrar. Mas talvez não fosse. Talvez haja algo ruim com este lugar e depende de mim descobrir o que é.

Vai levar.

Levar o quê? Pessoas? Vidas? Dinheiro?

O que o homem-caveira iria querer?

Em algum momento antes de dormir, Johnny vem a mim de novo.

“Já sou forte o suficiente?” pergunto meio grogue.

“Não exatamente, mas você está chegando lá”, ele admite.

“Por que você não abaixa o capuz?”

“Tudo bem”. Ele abaixa o capuz e eu tenho uma boa visão de seu rosto. Ele é meio bonito e isso não é algo que você normalmente diz sobre um garoto. Se ele raspasse a barba curta e vestisse uma peruca você acharia que ele era uma modelo ou algo do tipo. Ele é uma daquelas pessoas que seriam bonitas nos dois gêneros e em qualquer país.

“Por que você está aqui? Por que ninguém fala com você ou fala sobre você?” pergunto.

“Você sabe”.

Dou risada. “Você fala usando charadas”.

“Eu não. Não acho que você entenda o que é uma charada”.

“Então me diga uma”, eu falo.

“Há aqueles que me temem e os que me desejam. Alguns tentam me encontrar enquanto outros correm de mim. Venho para todos. Um final para um começo, um começo para um final”.

“Morte”, digo.

Os dois carregadores me acordam. Eles me desamarram e me ajudam a levantar. A Enfermeira Granger me entrega um pequeno copo plástico com dois comprimidos grandes e rosas. Eu pego e os viro na boca. Ela me entrega um copo d’água. Faço os comprimidos descer pela garganta. Ela examina minha boca. Estou livre para ir.

*

Lacey está bem quieta naquela tarde. Ela não me olha nos olhos mais e não faz piadas. Ela simplesmente senta e lê seu livro, um romance sobre um garoto alienígena e uma garota perturbada. A capa tem uma caveira e eu não consigo parar de pensar sobre o homem-caveira e Johnny.

Depois da terapia em grupo, o Dr. Harrison me informa que eles prolongaram minha estadia até o final do mês. Meus pais foram notificados. Dessa vez estou feliz pelo acolchoado de lã de algodão, do contrário teria machucado. Ainda assim, pelo menos me dá tempo para compreender minha visão.

Então, passo os dias procurando Johnny. Preciso descobrir o que ele sabe sobre o hospital. Ele ainda deve estar aqui, em algum lugar. Acabo seguindo os corredores de um lado para o outro, caçando seus tênis ou olhos verdes brilhando na escuridão. Em um ponto, eu me enfio nos dormitórios dos meninos e sou arrastada por um carregador. Pelo menos não acabei no quarto branco de novo. Só depois deste incidente que Mo me encurrala e põe a mão em meu ombro.

“O que está acontecendo, Mary?” ele pergunta.

“Nada”. Dou de ombros, torcendo para ser indiferente. “Mantendo-me ocupada, você sabe”.

“Mantendo-se ocupada?” Ele me encara como se eu fosse realmente maluca, como se eu fosse a maluca mais maluca na Cidade Maluca. “Mary, é um pouco mais que isso, não?”

Seus olhos castanhos perfuram os meus e algo se abre lá dentro. É como se eu fosse feita de casca de ovo e ele tivesse me batido contra a frigideira. Lágrimas começam e meus lábios vacilam.

“Venha comigo, antes que a Granger veja”.

Eu o deixo me levar para o sofá mais longe. Ele me senta com as minhas costas para a cabine, assim a Enfermeira Granger não pode me ver chorando e correr para o Dr. Harrison para aumentar minha dosagem novamente.

“O que está acontecendo, Mary? Fale comigo”.

“Eu não sou maluca”, digo. “Não sou mesmo. Eles são reais. Eu juro”.

“Ok”, ele diz. “O que é?”

Suspiro. “Se eu vier e disser isso, você nunca vai acreditar em mim. Vai achar que é igual o que aconteceu com você com as novelas, mas não é. Não é mesmo”.

“Por que você não começa do começo?” ele sugere. “Tudo tem um começo, certo? Comece lá e eu prometo não julgar”.

Hesito. Quero falar com Mo, mas há uma parte de mim pensando que ele quer me consertar como tentou consertar o Marcus. Irei terminar como algum projeto de estimação? Será que o Mo acha que é meu mentor ou algo do tipo?

Procuro em seu rosto — seu rosto amável e aberto — e eu tenho que falar com ele. Então, eu digo sobre as Coisas e como elas aparecem para mim. Conto sobre as mensagens e como elas se realizam. Conto sobre o fogo. Conto como começou, com a Coisa escrevendo na parede. Então paro, porque é tudo o que posso dizer.

“Alguém morreu, não é?” ele diz.

Minha mente se fecha. Acabou por hoje. As lágrimas param e eu levanto para sair.

Mo me pega pelo pulso e me puxa de volta. Ele mal usa força, qualquer que seja. “Mary, me escuta. Estou prestes a lhe dar um conselho que poderia me expulsar daqui, mas não posso sentar e vê-la ficar pior. Quando você chegou pensei por que essa garota está aqui? Não há nada errado com ela. Os primeiros dois dias, você estava bem. Então, este lugar ficou acima de você e eu vi o jeito como você se fechou. Eu sabia que algo estava dando errado. Eles aumentaram sua dose, não é?”

Concordo.

“Está fazendo você piorar?”

Concordo novamente.

“Mary, você precisa deixar na bochecha”.

Meus olhos se abrem em choque. “O quê? Não posso fazer isso—”

“Você pode. Olha, eu sou a favor das drogas, do tipo medicinal. Tomo as minhas todo ho porque elas funcionam e sem elas eu estaria falando com a TV de novo. Mas eu já vi o que acontece quando os médicos erram. É horrível. Você é uma dessas pessoas. Não há nada de errado com você, Mary”.

“Você acredita em mim?” digo. Meu coração dispara.

“Não sei se acredito nisso, exatamente. Confio em meus instintos e eles me dizem que você não é psicótica. Acho que acredito em você, mesmo que eu não acredite em suas visões”.

É legal ter alguém que acredite em mim para variar. Um peso sai dos meus ombros.

“Você acha que há algo de errado, aqui? Você sente uma vibração estranha? Como... algo realmente sinistro vai acontecer?”

“Claro. É um instituto psiquiátrico”.

“Não, algo mais. Como se houvesse uma presença”, digo. Dou risada sem graça. “Você deve achar que eu sou paranoica. Ainda me quer fora dos remédios?”

“Eu fico paranoico, às vezes”, ele diz. “Isso me faz fazer coisas realmente loucas”.

“Isso tem a ver com a Yasmeen?” deixo escapar. A expressão em seu rosto me faz desejar não ter dito.

“Quem lhe disse isso?”

“Lacey”, admito. “Ela disse que vocês dois saíam”.

“Sim e que acidente de carro foi aquele. Ouça, eu não estava obcecado por ela. Eu só estava em um lugar escuro, naquele tempo”.

“Isso foi antes dos remédios?” pergunto.

Ele balança a cabeça. “Não. Foi quando achei que eu precisava de uma dose dupla. Estou todo equilibrado agora”.

“Talvez eu devesse falar com o Dr. Harrison, tentar fazê-lo diminuir minha dose?” sugiro.

“Você poderia, mas ele não vai acreditar em você enquanto estiver agindo feito louca. E você só vai continuar agindo assim com essa dosagem. Coloque na bochecha, abaixe a cabeça, interaja com as pessoas. Sempre fale na terapia em grupo. É a única maneira de sair, uma vez que você já entrou”.

“E a Natalie? Ela nunca fez nada dessas coisas e ainda sai”.

“A Natalie tem mais de dezoito. Ela pode fazer o que quiser, contanto que não seja um perigo a ela e aos outros. Além disso, todo mundo conhece a Natalie. Ela normalmente precisa de uns dias para limpar a cabeça, trabalhar as porcarias dela e então sair. Ela é legal, sério... exceto pelo suicídio”.

“Este lugar é bizarro”, digo. “Você alguma vez pensou que estaria sentado conversando sobre suicídio e psicose como se fosse o tempo?”

“Não, não mesmo!”

Nós dois damos risada. Minha primeira risada genuína em dias. Mo é realmente legal. Fico à vontade com ele. Nós poderíamos falar por horas e iria parecer minutos.

“Eu perdi mesmo o controle quando o Marcus ficou um pouco enlouquecido. Acho que percebi que não estamos em um hotel, entende? Daí me atingiu em cheio”.

“A merda ficou séria”.

Dou risada de novo. “Sim, exatamente. A merda ficou séria”.

“Você não odeia quando isso acontece?” ele diz.

“Não mesmo. Não quando você está em um hospital psiquiátrico para psicose. É na verdade meio revigorante”.

*

Mo me ensinou a deixar os comprimidos na bochecha e eu segui seu conselho. Não tenho certeza por que resolvi seguir o conselho de um cara que uma vez ligou para um programa de TV matutino para acusar o apresentador de matar seu hamster, mas tudo que posso dizer em minha defesa é que faz sentido. Você pode dizer que eu vivo minha vida por instintos. Se há uma vibração ruim, eu saio correndo dali. Por isso ficar neste hospital é tão estranho. Eu normalmente correria para longe sem olhar para trás.

Lacey para de me ignorar e começamos nossa ‘brincadeira’ de novo, que normalmente envolve ela tagarelando e me chamando de ‘quieta’ ou dizendo que estou dando dor de ouvido. “Lá está ela, disparada de novo. Maldita boca motorizada”.

“Lace, você fala o suficiente por nós duas”, digo com uma risada.

“Bem, pelo menos você se animou. Achei que a tínhamos perdido um pouco, lá. Fiquei esperando encontrá-la pendurada no teto com as cobertas em volta do pescoço...” sua voz muda. Fica silenciosa enquanto ela vai diminuindo.

“Isso aconteceu?” pergunto.

Ela concorda.

Pobre Lace. Suas divagações e energia escondem tanta coisa.

A terapia em grupo parece melhorar se você participa. Sem aquele véu enevado, é muito diferente. Mo me encoraja com pequenos olhares e sorrisos. Eles não passam despercebidos pela Lacey. Yasmeen me lança o olhar de desaprovação de vez em quando.

“Você sabe o que devíamos fazer?” Lacey diz no café da manhã um dia. “Deveríamos subir no teto de novo”.

Anka fica pulando na cadeira. “Vodka vodka vodka, oi oi oi”.

“Shhh, a Granger vai ouvi-la!” Helen lhe dá um empurrão. “Quando você quer fazer isso?”

“Hoje à noite”, Lacey diz. Ela vira para mim e explica. “Há um espaço no teto onde eles ligam a eletricidade. Você pode engatinhar até a ala vazia no sétimo andar. Nós temos um estoque lá — álcool”.

“Como vocês chegam lá em cima?” pergunto.

“Bem, uma das telhas do teto está solta em nosso quarto. Nós subimos em minha cama e a soltamos. Fácil”.

“Mas como todo mundo entra em nosso quarto? Alguém não vai perceber? Granger?”

“Granger não trabalha à noite. Na sexta-feira é a Betty. Ela tem quase setenta e sempre dorme. Ela literalmente dorme até de manhã, a menos que alguém a acorde”, Yasmeen diz.

“Sim e só há enfermeiras temporárias à noite. Elas sentam e ficam vendo TV enquanto a Betty dorme. A Granger odeia a Betty. É bem engraçado quando elas trabalham juntas”, Lacey diz.

“Como vocês sabem tudo isso?” pergunto, impressionada.

Lacey dá um tapinha na lateral do nariz. “Ah, você sabe, um pouquinho disso e daquilo”.

“Você é uma garota esperta, Lace”.

Capítulo Oito

Quando meus pais me visitam à tarde, meu pai dá risada o tempo todo. “Você parece tão melhor, Mares. Estou orgulhoso de você”.

Eles ficam a hora inteira da visita e eu até consigo não aborrecer minha mãe, o que é bem impressionante. Ela me dá um abraço desesperado na saída. É provavelmente chato que a razão de eu estar de bom humor seja porque mais tarde naquela noite planejo me enfiar no teto para uma sessão alcoólica com meus novos amigos malucos.

Concordamos em nos encontrar em nosso quarto exatamente à meia noite. Amo isso, porque meia noite é uma hora tão mágica. É zero. É o começo das coisas. Uma vez eu disse isso a alguém na escola e ela disse que eu era um pouco louca. Talvez eu seja.

Lacey enfia a cabeça para fora da porta e espia pela área comum. É dez para meia noite. “Consigo ver a cabine. Acho que a Betty está dormindo contra o vidro. Sim, e eu posso ouvir a TV. Reconheço que teremos sucesso”.

“Quantas vezes vocês já fizeram isso?” pergunto.

“Ah, umas três vezes”.

“Já foram pegos?”

“Não”.

Mo entra primeiro, bem na hora. “Eu tive que garantir que não ia acordar o Frankie”.

“Você divide o quarto com o Frankie? Que droga”, digo.

“Eles o mudaram há alguns dias”, ele diz. “Aparentemente ele está melhorando e queriam que ele tivesse um pouco de independência. Não é tão ruim. Ele continua dormindo, às vezes. É como ter um bebê recém-nascido para cuidar”.

“Isso soa *horrível*”, eu falo. Nós dois rimos.

“Urgh, se vocês dois acabarem se pegando, por favor façam isso longe de mim”. Lacey enruga o nariz com nojo.

Mo faz uma careta, mas seus olhos demoram em mim tempo suficiente para me fazer imaginar se ele não se importa com a ideia de ficar comigo. Não consigo decidir se gosto da ideia ou não. Seus lábios são cheios e os olhos, castanhos e fundos. Há algo sobre ele digno de ser beijado. Talvez seja este lugar. Talvez seja porque eu devo ficar aqui para melhorar e compreender as coisas. Eu não deveria estar por aí ficando com garotos e bagunçando minhas emoções. Não é por isso que estou aqui. Antes que eu decida, Marcus e Yasmeen entram de súbito. O cabelo de Yasmeen está bagunçado.

“Vejam, esses dois decidiram transar em particular antes de vir aqui. Sigam o exemplo, pombinhos”, Lacey diz.

Olho com raiva para ela e empurro seu braço. “Cala a boca, Lacey”.

A porta abre e Tom e Anka se juntam a nós. Helen está bem atrás deles.

“Se esses dois se pegarem”. Lacey aponta para mim e Mo. “E vocês dois também”. Ela aponta para Tom e Anka. “Então só sobra você e eu, Hels”.

Helen olha para ela de cima a baixo. “Meh, já tive piores”.

“Vamos, abre o teto, cara. Estou sedento por uma bebida, yeah”, Marcus diz.

“O viciado falou. Tudo bem, irei abrir. Mantenham a roupa íntima no corpo”.

Marcus percebe minha expressão. “Eu era um viciado em crack, não álcool. Álcool nem faz efeito, então não se preocupe”.

“Eu, hmm... não estava”, murmuro, bem ciente de sua irritação.

Lacey solta a telha do teto. Deixa-nos um espaço que parece pequeno demais para uma pessoa passar. Os outros seguem Lacey. Milagrosamente, eles não têm problema para passar. Hesito. O medo me toma. E se eu tiver um surto de claustrofobia?

“Você está bem?” Mo pergunta. “Você não precisa ir, se não quiser”.

“Eu quero. É só um pouco estreito”.

“Você vai ficar bem. Eu vou primeiro e lhe ajudo a passar”. Ele sobe na cama de Lacey e se puxa para cima pelo teto razoavelmente baixo. Quando subo na cama consigo colocar minhas mãos nele, e eu sou bastante baixa. Mo é bem alto e magro, então ele faz parecer fácil.

“Venha”. Ele estende a mão para eu agarrar.

Subo na cama e seguro sua mão. É quente e forte. Com a mão na ponta da telha, eu me puxo para cima e deixo Mo pegar um pouco do meu peso, serpenteando para a cavidade pela barriga.

“Siga-me. Há um espaço para engatinhar e depois subimos para o próximo andar”.

Com o coração martelando em meu peito, vejo Mo virar no espaço confinado e engatinhar pelas tábuas e fibras de vidro. Com até íon em meu corpo, torço para que não haja nenhuma aranha. Felizmente, não é muito longe. Chegamos à passagem de ar livre e Mo me ajuda.

“O que é este lugar?” pergunto,

“Acredite ou não, a antiga ala psiquiátrica”, Mo diz.

Está claramente abandonado. Há teias de aranha em todo o lugar. Os tapetes estão gastos e os sofás, abandonados, espalhados com revistas obsoletas. Uma camada de pó cobre tudo. Há uma atmosfera no lugar, como se alguém saiu com pressa. Anotações médicas estão espalhadas pelo chão. Um esfregão e um balde apoiados contra a parede, ainda com seus conteúdos imundos lá dentro. O vidro na TV foi quebrado.

“Por que eles deixariam assim?” digo. “É claro que o hospital precisa de espaço”.

“Ninguém sabe”, Lacey diz. “Não acho que alguém venha aqui. Talvez seja assombrado ou algo do tipo”.

Enquanto andamos pela sala, tenho a mesma sensação horripilante de quando cheguei ao hospital, de que a maldade penetra pelas fendas nos chãos e paredes. Imagino que se eu pudesse ver, seria como melado. Cobriria o chão em uma camada pegajosa, puxando meus pés para ela, gelando-os até os ossos. Passo meus braços pelo corpo. Não trouxe meu moletom. Mo imediatamente tira o dele e me entrega. Ele usa uma camiseta com mangas curtas. Ele tem braços legais, magros, mas definidos. Isso me surpreende.

Anka já está com uma bebida na mão quando encontramos os outros. “Oi oi!” ela diz. “Sinto tanta falta da vodca aqui. Em meu país bebemos isso todo dia. E é mais forte”.

Lacey me oferece um copo com líquido claro. “Faça isso descer pescoço abaixo”.

Pego o copo plástico com um pouco de temor. “Como você conseguiu essas bebidas?”

“Combinação de sorte e habilidade”, Lacey diz. “Um pouco foi contrabandeado pelo amigo de Tom”. Tom finge tirar o chapéu. “O resto encontramos aqui, na mesa de um médico”.

Marcus limpa um espaço em um dos sofás e senta. “Ah, isso vai suavizar lindamente”. Ele estala os lábios depois de um gole. Yasmeen senta ao seu lado e dobra as pernas embaixo do corpo.

Lacey e os outros encontram espaços no chão e nos sofás adjacentes. Ficamos juntos em um círculo, cada um com seu copo.

“Nós devíamos brincar de verdade ou desafio”, Lacey diz.

“Ou girar a garrafa”, acrescenta Anka. Ela olha para Tom. Ela obviamente está apaixonada por ele. Tom força um riso.

“De jeito nenhum, não há pessoas suficientes para beijar”, Lacey diz. Ela provavelmente está certa. Além disso, seria estranho se Mo e Yasmeen tivessem que se beijar. Marcus não ia engolir isso muito bem. “Verdade ou desafio! Verdade ou desafio!” Ela pula no sofá e Tom quase perde a bebida.

“Tudo bem, tudo bem”, Mo se intromete. “Vamos brincar de verdade ou desafio. Mas você vai primeiro”.

Lacey dá de ombros. “Ok. Então, eu escolho verdade”.

Isso mal parece justo. Nunca vi ninguém contar as coisas com tanta frequência como Lacey. Ela não se importa de dividir nada.

“Quem você beijaria, com quem casaria ou quem evitaria nesta sala?” Mo pergunta.

Lacey faz careta. “Bem, eu não desejo nenhum de vocês. Mas se eu tivesse que, iria beijar a Mary, casar com a Anka e evitar o Marcus”. Ela mostrou a língua para Marcus. “Sem ofensas”.

“Como se eu me importasse”, Marcus diz, revirando os olhos. Na verdade ele parece se importar e muito.

“Yasmeen é a próxima”, Lacey diz. “Verdade ou desafio?”

“Desafio”, ela responde.

“Vira sua vodca”, Lacey desafia.

Yasmeen olha para seu copo plástico meio cheio. Tem quase três dedos. “Tenho mesmo?”

“Sim”, todo mundo diz simultaneamente, exceto eu.

Yasmeen toma um gole e faz careta. “E se eu vomitar?”

“Então você perde algumas calorias pelo dia”, Anka diz. “Vai, é só vodca”.

“Só vodca?” Yasmeen suspira. “Tudo bem”.

“Vira, vira, vira”, cantamos, encorajando-a. Em seguida ela segura a mão na boca e Marcus esfrega as costas dela.

“Isso foi desagradável!”

“Quem é o próximo?” Lacey sorri para cada um de nós. “Helen, verdade ou desafio?”

“Verdade”, ela diz, “não vou virar minha bebida”.

“Quanta comida você tem armazenada debaixo da cama, hein?” Marcus pergunta.

“Isso é trapaça. Você vai me fazer apostar tudo!”

Um sorriso travesso cruza o rosto de Marcus. “Pode ter certeza”.

“É a regra do jogo, Hels”, Lacey acrescenta.

Ela suspira. “Tá bem. Cinco pacotes de batata com sal, quatro barras de chocolate e um pacote de pastilha de chocolate com menta”.

“Estoque exposto”, Marcus diz. “Irei atrás das suas mentas. Pode apostar”. Ele pisca para ela.

Helen desaprova. “Ótimo. Eu estava guardando para uma ocasião especial”.

Bebo minha vodca e rio junto com os outros.

“Certo, quem é o próximo?” Os olhos afiados de Lacey buscam a sala. Tento me encolher nas sombras. “Tom, verdade ou desafio?”

Tom escolhe desafio e tem que polir a sala com a cueca. Ela é do tipo de cueca que a mãe dá aos filhos nos filmes — aquelas com seus nomes costurados na cintura — que deixa isso ainda mais engraçado. Pelo menos Anka aproveita o show. Marcus tem que nos dizer a verdade sobre seus dias de dependência. Aparentemente por meses ele tem dito sobre como ele era viciado em crack. Descobrimos que era remédio controlado que ele havia roubado do gabinete do banheiro da mãe e acontece que ele é originalmente de Chelsea, não Camden.

Quando Lacey o provoca, ele puxa o ar pelos dentes. “Vício é vício, yeah. Zombem o quanto quiserem, eu conheço minha luta. Sei o que é *real*”.

Lacey concorda como se tivesse finalmente encontrado algum respeito por Marcus. Os outros concordam também.

“Mo, sua vez”.

Ele se mexe ao meu lado e poderia ser a vodca, mas tenho bastante noção de seu corpo tão perto do meu. Meus joelhos latejam.

“Desafio”, ele diz.

Lacey torce a boca para o lado com um sinal de decepção. Eu sei que ela quer bombardeá-lo sobre o que aconteceu com Yasmeen. Eu mesma estou um pouco curiosa.

“Ok, conte a história mais assustadora que puder”, ela diz. “E se quiser pode usar um pouco das suas coisas malucas, é ainda melhor”.

“Sério? Estamos na parte escura e abandonada do hospital e você quer que *eu*, de todas as pessoas, conte uma história de terror? Óbvio que é um desafio para todos vocês, não para mim. Eu já estive no escuro — sei como é”. Os olhos de Mo brilham.

Por um segundo, Lacey parece um pouco insegura. Os olhares furtivos de Anka espiam de um lado para o outro entre Mo e os outros. Yasmeen se mexe desconfortável em seu lugar.

“Não temos medo de você”, Lacey diz com uma risada forçada.

“Só não assuste muito as garotas”, Tom avisa.

“Tão cavalheiro”, Helen provoca. “Foda-se isso, quero ficar completamente assustada. Não que você vá conseguir, já vi todos os filmes de Jogos Mortais e aqueles de terror japoneses”.

“Eu destruo todos eles”, Mo diz. “Bem, certo, se vocês querem. Acontece em um hospital”.

Marcus bufa. “Original”.

“Foi muito antes de termos TVs e telefones, antes da Primeira Guerra Mundial quando agulhas eram como aparelhos de tortura e eles não andavam furtivamente por aí. Foi quando eles tinham aparelhos de flebotomia e instrumentos cruéis que pareciam algo retirado de um filme slasher. Os corredores ficavam escuros à noite. Não havia eletricidade própria — eles usavam velas e claraboias para iluminar as alas. Sombras tremeluziam pelas paredes. É fácil se enfiar em um hospital assim. Você poderia passar despercebido, como um animal escondido no escuro da floresta”.

“Quando a parte assustadora vai começar?” Marcus pergunta, meio bocejando.

“Estou chegando lá”, Mo responde. “Era um hospital grande, com muitos médicos e enfermeiras, recheado de pacientes. Todos eles cuidavam de suas vidas até que um dia um velho em seus 80 desapareceu. Ele sumiu da cama uma noite — sem ninguém perceber. Os médicos procuraram em todo lugar, mas não conseguiram achá-lo. Seu quarto dava para a floresta próxima então acharam que ele havia corrido no meio da noite. Equipes de busca vasculharam a floresta, mas nunca o encontraram. Quase exatamente uma semana depois, outro paciente sumiu — uma jovem dessa vez. Seus pais ficaram perturbados; nunca pensaram que sua garotinha iria desaparecer assim. Em um hospital, de todos os lugares. As pessoas deveriam estar seguras em um hospital. É assim que as coisas funcionam. Mas nunca a encontraram. Então, um jovem sumiu e a mesma coisa aconteceu. Eles nunca o encontraram. Nunca acharam um corpo. A polícia ficou pasma. Só podiam concluir que os pacientes haviam fugido, mas ninguém havia visto pessoas correndo por aí em roupas de hospital. Era como se tivessem desaparecido do nada. Depois que os pacientes desapareceram, tudo acalmou. O hospital abriu uma nova ala e tudo finalmente voltou ao normal. Mas ainda haviam as lendas e os contos sussurrados. Nunca encontraram os corpos e isso criou esse mistério enorme, do tipo que as pessoas contam às outras à noite. Por anos, diferentes contos e teorias se espalharam pelas alas. Alguns acreditavam que eles haviam sido comidos por animais ferozes na floresta, sem deixar a carcaça para trás. Outros achavam que os três haviam fugido juntos e saído do país. Talvez um deles fosse rico e eles tivessem concordado em dividir o dinheiro. Havia contos sobre médicos maus matando os pacientes enquanto eles dormiam e levando os corpos para atirá-los no rio. Em alguns, as enfermeiras jogavam ácido nos rostos para disfarçar os corpos e então os entregava para os alunos de medicina para prática”.

“Ew!” Yasmeen exclama.

“O que realmente aconteceu?” Lacey se inclina, seu cabelo loiro pairando no rosto de modo que só um olho estava visível.

“Estou chegando lá”. Mo agarra a lanterna no centro do círculo e coloca debaixo do queixo. “Um pouco de atmosfera primeiro”. Ele sorri. “Por anos, a nova ala do hospital foi utilizada pelos alunos de medicina, e eles só ficavam lá por algumas horas do dia, indo para casa à noite. Mas eles tiveram uma reforma, mudando tudo para ‘otimização’, o que significava colocar a ala psiquiátrica nessa ala do hospital em particular. Uma das pacientes estava bem perturbada. Ela havia tido sua primeira crise e achou que os pais queriam matá-la. Seu nome era... Bianca—”

“Você acabou de inventar isso!” Helen interrompe.

“Shh, deixe-o terminar”, Anka diz.

“Bianca ganhou um quarto só para ela porque estava com problemas. Ela atacou a mãe com uma faca e acabou esfaqueando o gato quando a mãe fugiu. Eles a mantiveram em um quarto branco, como o nosso, e a doparam para parar de ser um perigo aos outros. Toda tarde ela encontrava o médico e toda tarde ela lhe dizia a mesma coisa: *as paredes sussurram para mim*”.

Um calafrio percorre minhas costas.

“Os médicos aumentaram seus medicamentos de novo. Eles a enviaram para a TEC e eletrificaram seu crânio. Às vezes eles a imobilizavam. Ela passava horas com o terapeuta, discutindo como a psicose lhe faz ver coisas que não estão lá — ouvir coisas que não são reais. Ainda assim, ela dizia a mesma coisa várias e várias vezes: *as paredes sussurram para mim*”.

Anka envolve os joelhos com os braços. “O que aconteceu com ela?”

“Toda noite, antes da Bianca ir dormir, ela ouvia o sussurro nas paredes. A princípio, era apenas um barulho, como o vento pelas árvores ou o som do mar, mas gradualmente os sussurros aumentaram e ela ouvia o que diziam: *Estamos presos, presos nas paredes. Liberte-nos! Liberte-nos!* Quando Bianca ouviu a mensagem ela ficou louca e gritou para que a deixassem sair do quarto. Ela não queria ficar mais lá. Mas as enfermeiras a imobilizaram, então ela tinha que ouvir as mensagens a noite toda: *Estamos presos. Deixe-nos sair. Deixe... nos... sair...* Uma noite, Bianca decidiu que tinha que fazer alguma coisa sobre os sussurros. Ela não conseguia mais aguentar. Ela chegou à decisão de que dali em diante, ela iria consertar aquilo. Ela os faria parar para sempre. Então, parou de mencionar os sussurros para o terapeuta, comportou-se normal e silenciosamente. Era educada e respeitava os funcionários. Começou a socializar com outros pacientes e falava mais nas sessões de terapia. Fingia estar sã para os funcionários, enquanto à noite falava com os sussurros. Ela dizia que iria tirá-los dali. Ela iria. À noite, Bianca puxava um canto do acolchoado das paredes, forçando com as pontas dos dedos. Ela roubou uma faca da cozinha e trabalhou no cimento, escondendo a poeira atrás do acolchoado. Toda noite ela trabalhava no acolchoado e no cimento, soltando os tijolos. E enquanto fazia isso, os sussurros só aumentavam. *Ajude-nos! Tire-nos daqui!* Eram como gritos em sua mente. Tudo que ela queria fazer era calá-los, ter silêncio de novo, ficar em paz. Enquanto trabalhava nos tijolos, murmurava para si mesma, falando de volta com os sussurros. *Não falta muito agora. Não falta muito para vocês me deixarem sozinha.* Uma noite, depois de soltar muitos dos tijolos em uma parede à luz da lua que entrava pela janela alta, Bianca puxou seu acolchoado frouxo e o descartou no chão. Deslizou a faca pelas novas fendas nos tijolos e os deixou cair em seu quarto. Ela não era mais cuidadosa. Não tinha medo de ser pega. Simplesmente queria a liberação, a liberação de sua mente e alma. Seus dedos arranhavam os tijolos, puxando-os para dentro do quarto, pó de tijolo deixando o ar nublado. Em um fervor, ela rasgou o acolchoado da parede e levantou para raspar e cortar os tijolos mais altos”. Os braços de Mo se debatem enquanto ele imita os movimentos frenéticos. “Suor escorria por seu rosto e seus dedos sangravam com o esforço. Ela forçou a faca nos tijolos mais firmes, destruindo tudo, deixando cascalho nos pés. Todo o tempo os sussurros ficavam cada vez mais altos, até que gritaram em sua mente: *TIRE-NOS! TIRE-NOS, AGORA!* Logo, Bianca havia destruído a maior parte da parede e seu rosto estava coberto de pó. Suor e sangue cobriam

suas roupas. Seus dedos ensanguentados penetraram a cavidade na parede e encontraram algo inesperado... frio ao tato. Ela parou”. Mo pausa e lambe os lábios. “Ela ficou perfeitamente imóvel, por uma fração de segundos, tomando fôlego depois do esforço para remover os tijolos. E, então, ela começou a rir. Riu porque os sussurros pararam. Ela estava em paz. Bianca virou a cabeça para trás em alegria. Mas não durou, porque o que havia sobrado da parede desabou. Antes que a Bianca pudesse sair do caminho, algo caiu sobre ela, derrubando-a em cima dos tijolos quebrados. Ela tossiu e fechou os olhos contra o pó do cimento e um fedor pútrido preencheu o quarto, azedo e podre e tão forte que ela conseguia provar. Cegamente, em pânico, Bianca empurrou a coisa de cima dela. Só quando abriu os olhos ela viu o que era”. Mo se inclina e puxa a lanterna para perto do rosto. “Em cima dela... estava um esqueleto repugnante e desintegrando, seu crânio sem carne arregalando os dentes de volta para ela. Bianca gritou e gritou até os pulmões doerem. A enfermeira veio correndo até o quarto dela e viu os tijolos e o corpo e os dedos ensanguentados de Bianca. Ela se afastou e trouxe a segurança. Depois de remover o esqueleto de Bianca, a polícia destruiu as paredes. Eles encontraram três corpos: um jovem rapaz, um velho e uma jovem garota”.

“Os pacientes desaparecidos”, Tom respira. “O que aconteceu com eles?”

“Ninguém sabe”, Mo diz. “Mas eles descobriram unhas faltando e pó em seus pulmões. Eles foram enterrados vivos nas paredes”.

Uma onda de náusea salta sobre mim. Por um minuto, sinto como se a história fosse real e aquelas pessoas tivessem realmente sufocado, presas nas paredes.

O grupo fica quieto por um momento. Lacey solta um riso nervoso. Yasmeen olha para seu copo vazio.

“Cara, isso foi ferrado”. Marcus balança a cabeça.

Bebo minha vodca, tentando aquecer o frio que se espalhou pelo meu corpo. “Isso foi só uma história, certo?”

“Eu avisei vocês, caras!” Mo diz com uma risada. “Vai, é só uma história. Animem-se!”

“Você é um ótimo contador de história, cara”. Tom ri. “Eu senti como se estivesse lá ou algo do tipo. Fiquei com arrepios!”

“Ei, vocês percebem que alguém está matando a sangue frio todos os pacientes no cuidado paliativo?” Helen diz. “Tantas pessoas morreram nas últimas semanas. É estranho, não acham?”

“Poderia ser a Granger. Ela tem uma tendência maldosa, não é?” Marcus acrescenta.

“Improvável”, Yasmeen diz com uma risada.

“Não, é sério”, Helen continua. “Eu realmente acho estranho tantas pessoas morrerem lá. Não costumava ser assim”.

“Talvez eles tiveram muitos pacientes em seus últimos dias recentemente”, Tom sugere. “É tudo orçamentos e negócios com eles. Quando conseguem um orçamento maior arranjam mais camas e mais pessoas”. Ele dá de ombros.

“Eu sinto uma vibração estranha quando olho por aquelas portas”, diz Yasmeen. “Como se meu corpo ficasse frio da cabeça aos pés. Há uma energia ruim, cara. Algo está errado”.

É um daqueles momentos em que alguém diz algo que ninguém quis admitir. Então percebo que não sou a única sentindo isso. As apostas, os interesses tolos por batatas e chocolate, eles escondem o medo interior. Como na história de Mo, há uma malevolência à espreita no hospital. Talvez esteja nas paredes. Melados congelados se espalham pelas minhas veias.

“Verdade ou desafio, Mary?” Lacey pergunta. Ela espirra mais bebida em nossos copos. “Sua vez!”

Meu coração ainda não se assentou da história e eu não quero muito que o faça. Mas de jeito nenhum que eu vou deixar a Lacey me interrogar sobre a razão de eu estar na Magdalena, então eu falo, “Desafio”.

Lacey esfrega as mãos. “Tenho uma ideia incrível. Como tivemos o Mo contando uma história assustadora, acho que deveríamos fazer a Mary passar quinze minutos no quarto escuro sozinha”.

“Não”, Mo diz. “Com certeza, não”.

Só então percebo que ele não tomou nem um gole da vodca. Ele é o único que não engole as palavras quando fala.

“Ah, vai, todos nós já fizemos isso”, Lacey diz. “É uma iniciação”.

“Mas a Mary tem problemas”, ele continua.

“Eu tenho minha própria opinião, obrigada”. Lanço para ele um olhar penetrante. O grupo cai em um coro agudo de ‘ooooooh’s.

“Discórdia do amor”, Anka diz, bufando dentro do copo.

Mo se afasta de mim e dá de ombros. Meus olhos permanecem na parte de trás da cabeça dele por uns instantes, mas ele não olha de volta para mim. Ele está claramente irritado.

“Então, você vai fazer ou o quê?” pergunta Lacey. “Não temos a noite toda”.

“Tudo bem”, digo. A adrenalina percorre meu corpo com a ideia de fazer algo tão arriscado. Depois de semanas de ficar em uma névoa, estou finalmente viva. “Farei isso”.

Lacey pula, fica de pé e bate palmas. “Então, sigam-me”. Ela pega a lanterna e nós a seguimos para dentro da escuridão.

Capítulo Nove

A porta arrasta nas tábuas do assoalho. Durante os anos ela afundou nas dobradiças. Não há janelas. É simplesmente um quarto quadrado com os resquícios de acolchoado nas paredes.

“Costumava ser um quarto branco”, digo.

“Sim, provavelmente”, Lacey diz. “Fica à vontade. Você tem quinze minutos”. Lacey vira para sair com os outros. “Tome cuidado com os corpos nas paredes”.

Marcus faz barulhos de fantasma e dança em minha frente. Eu o tiro do caminho e vou até Lacey. “Espera, eu não ganho uma lanterna?”

Ela ri. “Não seria muito desafio com uma lanterna!”

Os outros saem do quarto, cada um fazendo barulhos assustadores, do tipo que se tem em filmes antigos de horror: uma risada devagar, o *woo-ooo-ooo* de um fantasma, o som estridente de um gato. A porta bate. Estou em completa escuridão.

Mo não veio com os outros. Ele está definitivamente bravo comigo. Eu não deveria ter retrucado daquele jeito, não quando ele está tentando cuidar de mim. É só que ele é tão *reparador*. Ele quer fazê-lo sentir-se melhor. Ele é como o equivalente masculino de uma garota que ama meninos maus. É bem fofo, quando você pensa sobre isso.

Fico confortável sentando no chão e encostando na parede. Não é tão ruim. Está um pouco frio; o chão está empoeirado e eu não consigo ver nada, mas estou bem, consigo manter o equilíbrio, se eu ficar me lembrando de que não há nada no escuro que não esteja no claro. Vejo monstros em todo lugar, de qualquer forma. O que possivelmente poderia me assustar? Já vi homens-caveiras e coisas de zumbi. Eles me ajudam. Não sei por que, mas eles fazem isso.

Encosto minha cabeça contra a parede. Por que Johnny disse que eu tinha medo da escuridão? Foi o jeito como ele disse: medo da *escuridão*. Como se não fosse o escuro, mas outra coisa. Onde ele havia ido?

Quando descanso a cabeça contra a parede e fecho os olhos, ouço um som de arranhão vindo das paredes. É como unhas correndo contra a porta.

“Rá, rá, muito engraçado”, grito. “Vocês vão ter que fazer melhor que isso se quiserem me assustar”.

Espero risos abafados do outro lado da porta, mas não há nada. De qualquer forma, o arranhar para. Talvez eles ficaram entediados. Provavelmente é a Lacey.

Eu me arrumo de novo e fecho os olhos. Se eu conseguir relaxar, os quinze minutos vão voar.

O arranhar volta.

Então, um som arrastando.

Meu coração acelera. “Eu disse, muito engraçado. Podem parar agora”.

Mais arrastar, como se alguém estivesse arrastando o corpo pelo chão. Cada pelo em meu braço levanta enquanto o barulho fica mais alto, quase como se estivesse vindo de dentro do quarto. Não pode ser. Mas e se for? E se eu não estiver sozinha?

“Quem está fazendo esse barulho?” fico de pé e bato na porta. “Pare agora, não é mais engraçado”.

Meus olhos se ajustaram ao escuro, mas ainda não consigo ver nada mesmo. Tenho que estar sozinha. Devo estar. *Diga isso ao meu coração*. Ele martela contra meu peito.

“Já-á foram os quinze minutos? Deve estar bem perto. Você-cês sabem, podem me deixar sair. Já chega, sério. Já chega”. Espanco as paredes.

O arrastar para. De alguma forma, o silêncio é pior.

“Quem está aí? Alguém está aqui? Mo?”

Silêncio.

“Se alguém estiver aí, por favor me diga. Por favor”. Apoio as costas contra a parede. “Homem-caveira? É você?” Minha voz sai como um sussurro.

Um ruído de metal faz meu coração pular até a boca. Cada músculo em meu corpo enrijece.

“Quem é? Quem está aí?”

O arrastar começa de novo.

“Ah Deus! Tirem-me daqui!” Espanco as paredes, a porta, qualquer coisa. “TIREM-ME DAQUI. Por favor. Por favor, deixem-me sair!”

As lágrimas começam a brotar. Não aguento mais. Nunca mais vou dizer que não tenho medo do escuro. Eu tenho — tenho medo do escuro. Odeio isso. Quero tanto sair.

“Mary?”

Paro de bater nas paredes. A voz soa tão familiar. “Quem é?”

Ouçoo um passo. Alguém está no quarto comigo. A pessoa dá um passo à frente. “É o Johnny”.

Quero socá-lo, atacá-lo e espancá-lo até o chão. “Que diabos você está fazendo aqui?”

Ele acende uma lanterna e é ele mesmo. Ele está com o capuz na cabeça, como de costume. Meus olhos completam uma rápida varredura no quarto. Estamos sozinhos.

“Venho aqui para sentar sozinho às vezes”. Ele direciona a lanterna para um canto do quarto. “Há uma passagem de ar pela qual engatinho. Posso relaxar aqui”.

“Por quê?” respiro. “É horrível”.

Ele dá de ombros. “Eu meio que gosto daqui”. Sua expressão muda enquanto ele vira a lanterna em minha direção. “Você está bem? Parece chateada”.

“O que você espera? Estava preto como carvão e eu pensei estar sozinha. Então todo esse arrastar e arranhar começa”.

“Ah”, ele diz. Um sorriso travesso se espalha em seu rosto. “Desculpa. Você está fazendo algum tipo de iniciação? Seus amigos a trancaram aqui?”

Concordo.

Ele ri e senta no chão, contra a parede. Meu coração ainda não se recuperou, mas estou feliz que ele está aqui.

“Não queria assustá-la”, ele diz.

“Está tudo bem”. Sento ao seu lado, mantendo mais ou menos um pé de distância entre nós. “Pelo menos não ficarei sozinha agora”.

“Quando eles vão deixá-la sair?”

“Depois de uns quinze minutos. Não sei por quanto tempo estive aqui. Parece umas três horas”. Suspiro e tento fazer meus músculos relaxarem. Se eu tivesse trazido minha vodka comigo. “Você estava certo, sabe?”

“Sobre o quê?”

“Eu tenho medo do escuro”, digo. “Nunca pensei que tivesse”.

Ele balança a cabeça. “Não é do escuro que você tem medo, é escuridão, inexistência”.

Ficamos quietos enquanto eu contemplo isso por um momento.

“Você acha que eu deveria parar de ter medo?” digo. “Para então você me dizer algo?”

“Talvez”.

“O que é?”

Ele ri. “Fácil demais. Talvez você precise descobrir por si mesma”.

“Então por que dizer que você sabe alguma coisa?” Ele definitivamente é o cara mais estranho que eu já conheci.

Ele dá de ombros.

“É sobre o hospital? Há algo errado aqui, não é? Há algo ruim acontecendo. A princípio, pensei que fosse porque eu não gosto de hospitais, mas agora acho que pode ser algo mais. Acho que as pessoas estão se machucando”.

“E se estão, o que você faria a respeito?” ele pergunta.

“Não sei”, respondo. “Não tenho certeza do que posso fazer quando estou em uma ala psiquiátrica. Quem iria acreditar em mim? Como eu ia conseguir sair para arranjar evidências?”

“Falou como quem desiste”.

Olho bem para ele. “Não vejo você fazendo muito. Você nem vai me dizer o que sabe. Não pode ser tão importante se você também não fez nada. Você é só conversa”.

“Ok, se é o que você pensa”. Ele dá de ombros novamente. É irritante.

“Você é um idiota”.

“Você é imatura”. Ele começa a rir e eu estendo a mão para empurrá-lo no braço, mas ele salta, fica de pé e se afasta. Ele para de rir imediatamente. “Não me toque. As pessoas não me tocam”.

Sua explosão é tão repentina que eu percebo minha boca escancarando. “Eu-err-eu eu sinto muito. Não sabia”.

Johnny se encolhe contra a parede. “Ninguém me toca”.

Por um momento, seus grandes olhos verdes o fazem parecer um garotinho.

“Sinto muito mesmo. Não irei tocá-lo, prometo”.

Ele para, a lanterna ainda na mão. Ele parece incerto se quer se aproximar de mim ou não.

Há uma batida na porta. “Está tudo bem? Ouvimos você gritando”. É Mo.

“Estou bem agora”, respondo. “Fiquei um pouco assustada, mas estou bem agora”.

Johnny se afasta de mim e vai para a passagem de ar. Não o impeço. Por alguma razão, não quero dizer aos outros que ele esteve aqui.

“Bem, já deu quase quinze minutos, então vou deixá-la sair”, Mo diz. A tranca destrava. A lanterna de Johnny se apaga e ele repõe a grade da passagem. A porta se abre com um rangido e eu rapidamente deslizo pelo espaço, para fora do quarto. “Você está bem?”

“Sim”, digo. Encontro-me encarando Mo, estamos bem perto um do outro. “Sinto muito por ter retrucado com você antes. Você estava certo. Eu provavelmente não deveria ter feito isso. Fiquei bem assustada”.

“Eu queria deixá-la sair antes, mas eles não iam me deixar”, ele diz. “Você ouviu um barulho ou algo?”

“Não sei”, respondo. “Foi provavelmente minha imaginação”.

Capítulo Dez

No dia seguinte, eu tinha que pensar: será que imaginei minha conversa com o Johnny? Ele estava mesmo lá? Não conseguia evitar questionar se colocar os comprimidos na bochecha estava me ajudando ou não. Talvez Mo tivesse errado. Talvez eu fosse mesmo psicótica e precisasse da dose dupla que o Dr. Harrison havia me dado.

Às 9h, o Dr. Gethen me encara enquanto me passa um pequeno copo plástico. Ele nunca diz uma palavra. Você chega lá, diz seu nome, espera que ele coloque os comprimidos em um copo e então sai. Ele tem dedos longos, como pernas de aranha.

Lacey uma vez me disse que ele administra a estranha injeção e entrega medicamentos de manhã, mas além disso ele tem pouca coisa a fazer. O Dr. Harrison está encarregado da terapia. Imagino por que ele não faz mais. Não é como se o Dr. Harrison não estivesse sempre ocupado.

“Não acho que já o tenha ouvido falar”, Lacey diz enquanto andamos.

“Ele me assusta”. Estremeço, imaginando aqueles dedos longos em minha pele.

“Ele assusta *todo mundo*”. Lacey mexe as sobrancelhas.

Vamos para os sofás e sentamos para ver um pouco de TV antes da terapia em grupo. Para dizer a verdade, preciso dela. Meu estômago se agita por causa do álcool na noite anterior. Eu não bebi muito, mas foi o suficiente para me deixar arrependida. Lacey parece bem — maldita — e ela bebeu duas vezes mais que eu. Yasmeen é a que mais está sofrendo e ela está com a Granger em sua cola, checando se ela come o suficiente e não vomita nada. Helen também parece embriagada. Ela abraça o corpo e olha atentamente para a tela, como se realmente não quisesse falar com ninguém.

Marcus fica mudando de canal até que encontra um desenho animado. Ele está quieto esta manhã, provavelmente se arrependendo de ter dito a todo mundo seu grande segredo. Ninguém mencionou o que falamos sobre a unidade de cuidado paliativo. Ninguém mencionou eu ficando maluca dentro do quarto escuro ou a história de Mo sobre os corpos na parede. Não tenho certeza se algum dia iremos discutir isso propriamente, a menos que voltemos para o telhado e confessemos tudo de novo.

No ar da manhã, as coisas esfriaram. Pela primeira vez em um tempo, estou completamente relaxada. É como estar em casa com minha xícara de chá, vendo o mundo pela janela. É um daqueles raros momentos que minha mente está clara. Mo se acomoda ao meu lado. Ainda estou usando seu agasalho e quando ele vê um sorriso largo se espalha em seu rosto.

“Combina com você”, ele diz.

“Obrigada”. Mordo o lábio, sentindo minhas bochechas ficarem quentes. *Estou começando a gostar dele*. Estou mesmo. O que ele pensaria se soubesse que tenho conversas imaginárias com o Johnny? Se eu quisesse ficar com o Mo deveria parar com isso. *Eu quero ficar com o Mo?*

“Está mais silêncio esta manhã?” Lacey pergunta.

“De jeito nenhum, cara”, diz Yasmeen. “Só tem pancadas dentro da minha cabeça. *Tudo* está alto demais”.

Está meio quieto, agora que penso sobre isso. “Ei, onde está Frankie?”

“Não consegui acordá-lo hoje de manhã”, Mo diz, dando de ombros.

As luzes do corredor piscam. Tento ignorar e assistir ao desenho. A mão de Mo está bem próxima da minha. O toque de sua pele envia um formigamento pelo meu braço. Tento parar de dar risada muito abertamente.

De novo, vejo-me distraída pelo piscar das luzes no corredor. Toda vez que elas piscam é como se estivessem mandando uma mensagem para mim. A mão de Mo finalmente desliza na minha. Seu dedão acaricia o meu e a temperatura do meu corpo vai até o céu. É tudo um pouco demais.

“Eu já volto”. Aperto a mão de Mo. “Banheiro”.

“Ok”. Ele solta minha mão e percebo como seu sorriso desaparece com decepção.

Vejo-me andando pelas luzes piscando. Não sei por que, só sei que eu deveria ir.

Passo direto pelos banheiros, meu quarto e continuo indo, como se meus pés estivessem me direcionando quando minha mente não sabe o que está acontecendo. As luzes continuam piscando. Parte de mim espera os olhos verdes virando o corredor. Não há nenhum. Continuo indo, andando pelo corredor onde ficam os quartos dos meninos. Não tenho permissão para estar aqui, mas continuo indo do mesmo jeito.

Por alguma razão, paro em uma porta. É igual as outras portas no corredor e, ainda assim, eu sei que devo parar aqui. Ela se abre com um leve toque. Fica escancarada. Até as dobradiças são silenciosas.

Agora meu coração começa a acelerar. Há uma razão pela qual minhas pernas me trouxeram até aqui, elas querem me mostrar algo. Querem descobrir o que tem neste quarto. Dou um passo à frente.

Na cama há um volume desfigurado, provavelmente Frankie, ainda dormindo. Do outro lado do quarto há uma cama limpa e organizada, pôsteres de bandas indie intelectuais e uma réplica de Rothko.

“O quarto do Mo”, digo para mim mesma. Tem seu estilo por todo o lado, do impecável criado-mudo à fileira de tênis imaculados, todos com os cadarços removidos.

Parte de mim quer xeretar as coisas dele, descobrir quem Mo é de verdade. Mas não estou aqui pelo Mo. Estou aqui por outra coisa. Viro e me aproximo do volume na cama oposta. Estou aqui pelo Frankie, sei disso agora. Mas por quê?

Minhas mãos se estendem para o Frankie. A coberta está puxada até em cima de sua cabeça. Dou um passo à frente com o braço estendido. Tão perto de tocar. Meus dedos esfolam as cobertas macias.

“O que você está fazendo aqui?”

Dou um solavanco e minha mão voa para o peito. É o Johnny. “Você me assustou”;

“Você não deveria estar no corredor dos meninos”. Sua voz é adornada com um sarcasmo entretido. “Você poderia se meter em encrenca e nós sabemos que pessoa assustada você é”.

“Cala a boca, Johnny, isso é importante. Preciso ver se o Frankie está bem. Tenho um mau pressentimento...” Estendo a mão e puxo o lençol. Frankie está enrolado como uma bola, a cabeça enterrada nos braços. Ele não se mexe. Ele não se mexe nem um pouquinho. “Ele parece... ele parece... Johnny?”

“Quem é Johnny e que diabos você está fazendo em meu quarto?”

Meu estômago afunda. Mo está na entrada do quarto com os braços cruzados.

“Então?” ele diz. Seus olhos fuzilando os meus. “Por que você está em meu quarto? Pensou em me verificar? Vasculhar minhas coisas?” Seus olhos são levados até Frankie. “O que você está fazendo com...? Ah, merda. Frankie!”

Ele se joga e sacode os ombros de Frankie. O corpo de Frankie balança duramente. Eu recuo, um temor se formando em meu estômago.

“Não”, sussurro.

Mo coloca dois dedos embaixo do queixo de Frankie. “Sem pulso. Ah, merda, Mary. Não há uma droga de pulso”.

“Eu... eu vou buscar ajuda”. Corro para fora do quarto, atirando-me corredor abaixo. As luzes piscam mais rápido como meus passos: *pisca...pisca...pisca...* “Socorro! Alguém me ajude, é o Frankie. Enfermeira Granger? Enfermeira Granger?”

Corro para a sala comum e direto em sua forma macia.

“O que aconteceu?” a Enfermeira Granger diz. Sua voz está desprovida da calma usual. É só negócios. Ela sabe que algo ruim aconteceu.

“É o Frankie”, digo sem fôlego. “Ele... Não há pulso”.

A Enfermeira Granger faz sinal para o Dr. Gethen. Eles se apressam pelos corredores. Eu já sei que é tarde demais. Ele estava azul.

“O que está acontecendo?” Os grandes olhos de Lacey me espiam pelas cortinas do cabelo. “O que aconteceu?”

“É o Frankie”, digo, forçando-me para segurar as lágrimas. “Ele se foi. Ele se... foi”.

“Não”, ela diz. “Granger e Lurch irão trazê-lo de volta. É só... ele só...”

“Ele está morto, Lacey. Ele está realmente morto”.

Helen, Yasmeen e os outros se amontoam em nossa volta. Uma das enfermeiras nos expulsa do corredor, mas acabamos ficando lá para ver o saco preto sair, com a forma volumosa dentro. Mo vai cambaleando até a sala comum com sua pele morena em um cinza doentio. Vou até ele. Ele se afasta de mim, seu rosto um disfarce, seus olhos completamente selvagens e diferente de qualquer coisa que já vi nele antes.

“Mo?” Eu me aproximo, mas ele balança a cabeça.

“Não, não venha perto de mim. Ninguém chega perto de mim”. Ele levanta a cabeça e seus olhos brilham. “Vocês estão todos juntos nessa, não? Vocês ficaram tramando contra mim, deixando-me louco. Eu vejo seus sussurros”.

“Não há nenhum sussurro, Mo. Ninguém está fazendo isso”. Tento acalmá-lo.

Ele gira ao redor, apontando para ninguém em particular. “Sussurros”.

“Tudo bem, é o suficiente”. Os dois carregadores se apressam e pegam Mo pelos braços. Ele luta, chutando-os. A Enfermeira Granger dá um passo à frente com uma agulha.

“Não!” grito. “Deixem-no em paz!”

Mo escapa, empurrando os homens para o chão. Gethen o agarra no chão. Entre os quatro, eles o forçam para baixo. Mo grita, “Sussurros! Vocês são todos sussurros!” antes da Granger golpeá-lo com a agulha e ele se acalmar em um instante. Sua cabeça cai para frente.

Eles o arrastam e carregam seu corpo mole. Só consigo ver com uma sensação dormiente se espalhando pela minha pele. Lacey coloca a mão em meu ombro, mas eu mal sinto.

Capítulo Onze

O dia passa como um borrão. A terapia em grupo continua. A srta. Burton faz por fazer, mas seu coração não está lá. Em um ponto, ela tenta falar sobre Frankie, em uma tentativa de nos fazer abrir nossos sentimentos. Dá errado e metade do grupo sai.

Ver meus pais é a única coisa boa que acontece. Nunca fiquei tão feliz em vê-los. Pela primeira vez em dias, desejo que eles estivessem me levando para casa com eles. Quero sair. Acho que todos queremos — até Lacey e Marcus. Queremos sair.

Não consigo evitar pensar sobre os pais de Frankie, sobre quão desconfortável eles ficavam com ele. Era óbvio que não conseguiam encarar os problemas dele. Eles estão aliviados? Isso é uma coisa horrível de se pensar?

“Ele era inocente, cara”, Yasmeen diz depois que acaba o horário de visita. “Ele nunca machucou uma mosca. Ele não iria se matar. Ele não poderia”.

“O que você está falando?” Tom pergunta.

“Não sei”. Yasmeen morde a unha do polegar enquanto sentamos nos sofás. “Não sei”. Ela olha para mim. “Você o encontrou. Viu algo suspeito?” Seus olhos me avaliam. Eles são duros e vidrados.

“Parecia que ele estava dormindo”.

“O que você estava fazendo no quarto?” Ela levanta o queixo em desafio.

“Eu...” Olho ao redor para todos os rostos me examinando. Eles estão me acusando? “Eu estava preocupada com o Frankie. Eu ia ao banheiro, mas então pensei em ver como ele estava”.

“Mas como você sabia onde era o quarto dele?” Lacey pergunta.

“O Mo me mostrou seu quarto uma vez”. A mentira sai facilmente.

Yasmeen franze, mas não diz nada mais.

“E o Mo?” Marcus se intromete. “Ele poderia ter feito isso”.

“Ah, você não disse isso”. Lacey revira os olhos. “Claro que Mo não *matou* Frankie. Por que ele faria isso?”

“Sei lá. Ele é estranho, né? Você o viu quando eles o levaram—”

“Ele estava chateado”, interrompo. “Ele teve que verificar se Frankie tinha pulso... ele teve que tocá-lo”. Cada parte do meu corpo congela. Minha mente me mostra o corpo enrolado de Frankie, várias e várias vezes. É como a vez que encontrei meu hamster enrolado dentro das cobertas, como se ele soubesse que ia embora, e encontrou um lugar confortável para isso. É demais. Levanto e saio da sala.

Em meu quarto, salto na cama e fecho os olhos. Ainda assim, não consigo me livrar daquela imagem. Não vai me largar. Quero chorar, mas não consigo. Meus olhos estão secos. Minha garganta parece fechada.

“Você está bem?” Lacey entra no quarto. Ela fecha a porta e senta de pernas cruzadas em sua cama.

“Não sei”, admito. “Ele parecia tão...”

Ela concorda. “Eu entendo”.

Ficamos em silêncio por um tempo. Lacey coloca a cabeça nas mãos enquanto eu apoio os travesseiros atrás da cabeça.

“O que você estava fazendo lá?” ela diz finalmente. “Diga a verdade”.

“Sei lá. Foi estranho. Meus pés me levaram até lá”.

“Isso soa louco, Mary”.

“Eu sei, e é. Mas é a verdade. Eu nunca fui ao quarto do Mo, mas algo me fez andar o corredor e parar lá fora do quarto. Não consigo explicar. Lace, eu não sou maluca, juro que não sou—”

“Então me prova”, ela solta.

“O quê? Como?”

“Diga-me por que você está aqui”. Seus olhos de panda aumentam com seriedade. “Se somos amigas, você vai me dizer. Eu sou sua amiga?”

“Sim, claro”.

“Então, diga-me”.

Sento e a encaro. “Você vai achar que eu sou louca”.

Ela dá de ombros excessivamente dramática. “Estamos em uma ala *psiquiátrica*, Mary. Eu já acho que você é bem louca. Só me diga. Não irei julgá-la, prometo”.

Começo a história, contando do homem zumbi na escola e terminando com o homem-caveira fora do escritório do Dr. Harrison. Lacey senta com uma expressão vazia, ocasionalmente piscando nas piores partes ou abrindo bem os olhos. Quando lhe conto sobre Anita, ela não diz nada. Pensei que ela diria algo, como que pessoa ruim eu era por deixá-la no saguão de esportes.

“Ok”, ela diz no final. “Primeiro as coisas importantes, não acho que você é louca. Eu realmente acho que você é um pouco menos doida, agora”.

“Ok...”

“Então, você acha mesmo que esses monstros ajudam a impedir coisas ruins de acontecer?” ela pergunta. “De onde eles vêm? Eles são fantasmas?”

“Não sei. Mas eles me alertam, então devem ser bons, certo?”

“A menos que causem as coisas ruins. O que faria mais sentido. Fantasmas bons são sempre aqueles lindos ou atraentes, certo? São os garotos com olhos verdes brilhantes e aparência atraente”. Ela força um riso.

“O que você disse sobre olhos verdes?” Algo faz meu coração ficar agitado.

“É o clichê, não é? Que você ache um fantasma atraente e se apaixone por ele, mas você nunca pode tocá-lo ou beijá-lo ou nada do tipo, a menos que o fantasma possua outro humano. Eu li um livro assim uma vez”.

Meu coração afunda. Como eu pude ser tão estúpida? Por que não vi os sinais? Agarro a Lacey pelos ombros. “Isso é importante. Preciso saber algo”.

“Ok”, ela diz. “Você não precisa me maltratar, tá?”

“Desculpa”. Solto-a. “Há um paciente aqui chamado Johnny? Ele tem olhos verdes, é bem bonito. Ele usa o capuz na cabeça o tempo todo”.

Lacey fica branca. “Johnny? Você disse Johnny?”

“Sim”.

Ela balança a cabeça. “Mas não é...” Ela agarra os jeans com tanta força que as dobras dos dedos ficam pálidas de um branco iridescente. “Não é possível”.

“Por quê?” Eu me inclino no espaço entre as duas camas. “Diga-me. Preciso saber”. Mas uma sensação de naufrágio em meu estômago me alerta de que eu já sei. “Ele está morto, não é?”

Ela levanta a cabeça para segurar meu olhar. “Ele morreu alguns meses depois que eu cheguei aqui. Eles o encontraram em seu quarto. Ele havia se enforcado. Foi na mesma semana que a Sammi morreu. Ela era minha antiga colega de quarto”. Os olhos azuis de Lacey se enchem de lágrimas e ela balança para a frente, seu corpo se agitando. Eu a tomo em meus braços e a abraço forte, vacilando com as novidades.

Johnny está morto.

Isso significa que vejo fantasmas. As Coisas não são visões. São a morte. São pessoas mortas.

O hospital está cheio delas.

Se eu quiser parar o mal no hospital, por onde começo?

*

Primeiro tenho que decidir se o Johnny é bom ou mau. De acordo com os romances de Lacey, os fantasmas mais gatos são bons, exceto por eles partirem seu coração com sua energia esmagadora de alma — palavras da Lacey.

Eles mantêm Mo no quarto branco o dia todo. Lacey passa a tarde me contando sobre a Sammi.

“Ela tinha uma tatuagem de pássaro no ombro”, Lacey diz, “porque ela sempre quis ser livre. Ela disse que sua vida era uma gaiola de depressão e drogas. Se ao menos ela pudesse ser um pássaro e levantar voo para o céu, então ela finalmente seria feliz”.

Fazia tanto sentido. Lacey havia me examinado quando nos conhecemos. Agora sei que ela só queria evitar a mágoa. Ela não queria me encontrar como encontrou Sammi. Finalmente, percebo quão especial a Lacey é. Não importa o que aconteça, ela estará em meu coração. Ela tem um lugar lá.

Lacey precisa de tempo para pensar e eu também. Ando até a cabine e vejo as pessoas pelo corredor. O homem-caveira espera por mim. Seus ossos brilham através da carne como um raio-X. Ele usa um longo jaleco branco de médico.

“Quem é você?” sussurro. “O que você quer de mim?”

Olho para a direita e vejo Gethen me encarando. Seus dedos longos e finos seguram a mesa de sua área de trabalho. Ele tem olhos fundos. Eles desmoronam em seu rosto como bolas de gude pretas.

Alguém sai do cuidado paliativo, outra família aos prantos, tentando desesperadamente enxugar as lágrimas antes que alguém veja. Uma enfermeira os acompanha, a mão dela no ombro de uma mulher triste. É como se alguém a tivesse esfaqueado no estômago. Yasmeen está certa. Há mortes demais, mesmo para a unidade do final de vida. Depois que a família foi embora, um grupo de enfermeiras sai. Uma delas, uma mulher ruiva na casa dos quarenta, parece visivelmente abalada. Ela tem uma aparência pálida e círculos escuros debaixo dos olhos.

“Não está certo”, ela diz. “Mal temos pacientes sobrando! Nunca vi isso assim. É uma maldição. Tem que ser. Alguém nos amaldiçoou”.

“Vai, agora, maldições não existem”. Uma mulher de cabelo escuro enfia a mão nos bolsos enquanto elas andam. Seus ombros se juntam como se ela sentisse um calafrio. Eu praticamente pressiono o nariz contra o vidro para poder seguir seus movimentos pelo saguão. “Existem?”

“Saia do vidro”, diz uma voz grave.

Dou um pulo para trás. Era Gethen falando. Ele se inclina pela cabine e foca seus olhos de bola de gude em mim. Eles me deixam congelada até os ossos.

“D-desculpa”. Eu me afasto. Gethen ainda encara até que eu ande alguns metros da porta. Resolvo sair. Se eu ficar, irei atrair a atenção da Enfermeira Granger, de qualquer forma.

Mas não consigo evitar dar mais uma olhada no corredor. O homem-caveira espera. Sou eu contra ele.

Capítulo Doze

Sei o que devo fazer.

Tenho que encontrar o Johnny e fazê-lo me dizer o que sabe. Só há uma maneira. Tenho que ir até o teto e no quarto escuro. Irei encontrá-lo lá. Sei que vou.

“Você tem certeza disso, Mares?” Lacey molda travesseiros e lençóis em uma forma volumosa debaixo das cobertas. Parece tanto com a pequena forma de Frankie que meu coração dá uma pontada.

“Tenho certeza”, sussurro.

Precisamos ser cuidadosas porque a Granger está trabalhando à noite. De todas as minhas noites sem sono, sei que ela checa quartos aleatoriamente.

“Eu deveria ir com você”, Lacey diz. A luz da lua cai sobre seu rosto. Sem o delineador ela parece jovem, como uma criança assustada. Seus olhos são maiores sem ele. Vulnerável.

“Não”. Não é a luta dela. Por alguma razão, isso caiu em mim e eu quero assumir isso. *Preciso* assumir isso, mesmo que só para provar a mim mesma que consigo.

“Tudo bem, se você deve, tagarela”. Ela põe a mão em meu ombro. “Tome cuidado, sim?”

“Sim”, respondo. Vejo-me segurando a respiração por um momento. “Isso é bobeira. Estarei de volta em algumas horas”.

“Depois de falar com um fantasma”, ela me lembra.

“Significa muito você acreditar em mim, não achar que sou psicótica”.

Ela dá de ombros. “Não estou em posição de julgamento se alguém é são ou não. Você parece normal para mim. Agora coloque essa bunda no teto. Tá aí uma frase que nunca achei que diria”. Ela ri e se curva, juntando as mãos para me ajudar a subir.

Contamos até três e ela me levanta para o painel solto. Rebolo por ele, suspendendo-me para a cavidade acima. Quando estou totalmente dentro do espaço para engatinhar viro para trás e olho para Lacey.

“Recoloque o painel”, digo. “Quando eu voltar irei bater algumas vezes”.

“Ok”, Lacey diz. “Mas tenha cuidado”.

“Terei”.

Arrasto os pés de volta. Lacey recoloca o painel e estou mergulhada na escuridão.

*

Com os dedos tremendo acendo a lanterna. Há espaço suficiente para engatinhar de joelhos com a cabeça levemente abaixada. Há pequenas caixas com fios coloridos que tenho que evitar. A última coisa que quero é esbarrar em uma e acabar com a eletricidade do hospital.

Avanço lentamente, tentando lembrar do jeito que Mo me mostrou. Não demora muito para eu ver o brilho do metal que só pode ser a passagem de ar para o andar de cima. Gentilmente empurro a grade e subo para a ala abandonada. Quando levanto e esfrego as roupas percebo como estou tremendo e meu coração está acelerado. Quase derrubo a lanterna e depois tropeço em uma mesinha de centro.

“Controle-se, Mary”, sussurro para mim mesma.

Há algo sobre a escuridão de um quarto abandonado que o faz sentir como se tivesse que ficar em silêncio. Embora eu saiba que ninguém vem aqui — além do Johnny — e que está bem longe de

quaisquer outras alas do hospital, eu ainda ando na ponta dos pés pelos sofás empoeirados e me encolho sempre que meus pés arrastam no tapete esfarrapado ou esbarro em cadeiras velhas. Não fomos tão cuidadosos na outra noite.

Faço meu caminho até o quarto escuro, ironicamente, o antigo Quarto Branco. Quantos pacientes foram atirados em uma camisa de força, olhando as paredes, jogando-se contra o acolchoado macio? Quantos eram mesmo psicóticos, ao ponto de perderem contato com a humanidade, tornando-se cruéis e perigosos? Quantos foram machucados ou mal tratados pelos funcionários? As paredes são grossas com histórias não contadas. Se eu tocá-las, ponho minhas mãos onde os outros estiveram antes. Meus pés viajam nos ecos das pegadas.

“Johnny?” sussurro para o escuro. Minha voz está áspera.

Irei ouvi-lo como antes? Ou agora que sei que é um fantasma, talvez ele irá aparecer do nada.

“Você está aí, Johnny?”

Nenhum som além de minha própria respiração. O ar está tranquilo e com cheiro de mofo. Aponto a lanterna para cada canto, mas logo que miro o raio de luz em um canto, fico consciente das sombras lançadas nos abandonados. Meu coração dá um baque. *Controle-se, Mary*. Fecho os olhos e conto até dez. Quando os abro, ele está lá.

Ofego.

“Olá, Mary”, ele diz.

“Sabia que você estaria aqui”.

“Sabia?” Seus olhos verdes brilham. Não consigo acreditar que ele não é real. Ele é de carne e osso, tem que ser. Ele não é transparente ou pálido como os fantasmas nos filmes. Ele não tem um machucado ou arranhão para mostrar onde foi morto.

“O que é você?” respiro. “Um poltergeist?”

Johnny ri. “Talvez. Sei lá”.

“Eu ainda tenho medo?” pergunto.

Os olhos de Johnny seguem meu corpo. Um sorriso forçado brinca em seus lábios. “Um pouco. Mas você está melhorando. Com certeza mais destemida”.

“Você vai responder minhas perguntas agora?”

“Depende do que você perguntar”. Ele dá um passo à frente e a proximidade gela minha pele.

“O que são aquelas Coisas que vejo? Elas são boas ou ruins?”

“Nem um nem outro”, ele responde.

“O que são?”

“Nada”.

Deixo escapar um gemido. “Pensei que você fosse me ajudar?”

Ele ri de novo. “O que lhe deu essa ideia?”

“Você deu, em meus sonhos — em meu quarto. Você ficava dizendo que eu tinha medo da escuridão e que não estou pronta para saber—”

“Era eu? Ou era a sua imaginação? É a sua imaginação agora?” Ele levanta os dedos e os sacode com zombaria. “É tudo um s-oooo-nhoo?”

Estendo a mão para espancá-lo, mas ele pula para trás. Meu coração está batendo forte de novo. “Não pode ser minha imaginação. Lacey conheceu você pela minha descrição”.

Ele começa a me rodear. “Como você sabe que ela está dizendo a verdade? Por que você acreditaria em uma garota em uma ala psiquiátrica?”

“Porque... porque ela é minha amiga”. Minha garganta começa a apertar como se eu estivesse ficando sem ar.

“Tem certeza disso? Completamente? Porque, sabe, você só a conhece há algumas semanas. Eu não diria que é uma amizade de muito tempo, sério. Eu nem chamaria isso de amizade. Mal é um

conhecimento”.

“Nós dividimos o quarto”, digo entre os dentes cerrados. Johnny me circulando está começando a me deixar tonta. Não consigo pensar direito. “Nós... ela é minha amiga. Minha melhor amiga, acho”.

“Você acha? Ou você sabe? Porque não pode escolher os dois”.

“Para”, digo.

“Estou tentando ajudá-la, Mary”, ele responde. Ele está se movendo mais rápido agora. Um minuto ele está de um lado e no outro do outro lado. Não consigo ficar de olho nele. Às vezes ele vem perto do meu rosto e depois se afasta.

“Não, não está. Não sei o que você está fazendo, mas não é ajuda. Você não é a pessoa que achei que fosse”.

“Isso se eu existir”, ele me recorda. “Há quanto tempo você vem colocando o medicamento na bochecha?”

“Você é real”. Aperto os punhos. Não irei deixá-lo me fazer perder o controle sobre a realidade. “Não sei se isso é algum tipo de teste, mas não me importo. Irei ajudar as pessoas aqui. Pessoas como Frankie, que não merecem morrer. E você vai me ajudar”.

Johnny para. Ele fica de pé, imóvel. “Ou irei ajudá-...lo”. Ele balança os ombros e aponta para a porta aberta. Sigo seu olhar.

Passos soam pela ala abandonada. Alguém está vindo.

Eu me atrapalho com a lanterna. Johnny já se foi. Sou tão idiota de achar que conseguiria lidar com isso. Que diabos estou fazendo, falando com um fantasma? Com os dedos tremendo desligo a lanterna. Uma porta arrasta em algum lugar da ala. Corro e fecho a porta do quarto escuro, esquecendo como ela arrasta no chão. Meu coração afunda. No escuro absoluto do quarto coloco o ouvido na porta, torcendo para que quem estiver lá fora não tenha escutado. Concentro-me em controlar minha respiração e ouvir o som do intruso, mas meu sangue bombeia tão alto em meus ouvidos que é difícil fazer as duas coisas.

Os passos param. Imagino quem quer que esteja lá fora parando para ouvir. Tentando entender de onde veio o som. Os passos começam novamente. Dessa vez mais alto.

Eles sabem que estou aqui.

Estão vindo para cá.

Fujo da porta, procurando no quarto algum lugar para me esconder. Não há nada neste quarto, nada além... da passagem de ar. Será que consigo encontrar a passagem de ar pela qual vi Johnny chegar? E se não existir de verdade? E se eu imaginei isso e Johnny ao mesmo tempo?

Só há uma forma de descobrir.

“Olá?”

Congelo. Reconheço essa voz.

“Tem alguém aí?”

Não faço um barulho.

“Você quer brincar?”

Capítulo Treze

Corro a mão pelas paredes, procurando a ventilação. Tem que estar aqui em algum lugar.

“Venha jogar meu jogo”, a voz se abafa pela porta. É grave e devagar. Imagino o sorriso largo, olhos pretos de bola de gude e dedos longos e finos.

Gethen.

Claro que é. Eu deveria ter adivinhado. Ele trabalha em frente ao cuidado paliativo. Ele trabalha aqui há muito tempo, então teve tempo de criar confiança... ele é um médico.

“Minha mãe mandou eu escolher essa vaca aqui!”

Avanço lentamente pelo quarto. Tem de haver uma saída. Tem de haver. Eu me ajoelho e gentilmente deixo a mão rastejar pela parede, meus dedos procurando desesperadamente na escuridão. Acolchoado úmido descascou, deixando tijolo exposto e gesso esfarelado.

Cada vez mais perto chegam os temidos passos.

Meus dedos arranham metal. O coração pula até a boca. Agora tudo que preciso fazer é forçá-lo para fora da parede sem fazer barulho.

“Aqui porquinho, porquinho, porquinho. Aqui maluca, maluca, maluca. Irei encontrá-la”.

Puxo a grade com as unhas. Está presa.

“Posso fazer o que eu quiser também. Não importa o que diga, você será maluca”.

A grade sai da parede e quase desliza pelos meus dedos. Tenho que me acalmar e pegá-la antes que caia no chão. Apoio-a sem fazer barulho e deslizo para dentro da passagem de ar. Os passos de Gethen se aproximam, ecoando no vazio. Ele deve ter passado por quase todas as portas na ala. Agora está vindo para o último quarto — o antigo quarto branco. Recoloco a grade. Está apertado, mais apertado que o espaço para engatinhar, e eu não tenho escolha a não ser me arrastar pelo peito. Não ousa respirar. Vou me empurrando com os dedos dos pés contra o metal liso da ventilação. Não posso fazer um único som.

Ouçoo um arranhar. Quero gritar.

Ele está no quarto branco. Se ele olhar a passagem de ar, estou morta. Congelo, incerta se me apresso para sair ou fico imóvel, caso eu faça barulho.

Avanço devagar.

Seus passos viajam pelo quarto.

“Não há por que correr”, vem sua voz grave. “Irei encontrá-la. Guarde minhas palavras”.

A porta arrasta.

Sua voz vem de novo, mais abafada dessa vez. “Imagino quem não está na cama agora. Talvez um tour na ala seja adequado. Assim vou saber quem é você”.

Os passos recuam. A porta arrasta. Desmorono sobre meu peito, a respiração exalando pelos pulmões. Tenho que voltar para o meu quarto ou Gethen vai saber que era eu. Mas como vou fazer isso quando não posso voltar pela ala? Isso é o que ele quer que eu faça. Ele está tentando me desentocar. Não tenho escolha. Sigo em frente.

Usando os dedos das mãos e dos pés escorrego pela ventilação como um lagarto. Ocasionalmente, vejo a grade de uma ventilação e consigo espiar a Magdalena. Vejo direto dentro do quarto branco. Mo deitado em uma cama acolchoada, os olhos fechados. Desejo falar com ele, ter a ajuda dele, mas o que ele pode fazer? Se Gethen me encontra no quarto branco com Mo, ele vai saber que era eu. Continuo.

Outra saída de ar fica bem em cima do banheiro masculino. Está vazio e escuro. A luz da lua brilha nas torneiras. Se eu conseguisse o ângulo certo poderia descer em um banheiro. Primeiro, preciso trabalhar nos parafusos. Meus dedos tremem e eu tenho que ligar a lanterna de novo. Leva anos para as minhas estúpidas e desajeitadas mãos trabalharem, tempo suficiente para Gethen voltar à Magdelena. Talvez ele ainda esteja lá em cima, tentando me pegar na descida. Imagino-o, sentado no sofá, bebendo nossa vodca, tamborilando seus dedos longos e finos contra o tecido.

A grade solta. Os parafusos deslizam pelos meus dedos e batem no assento do banheiro lá embaixo. Prendo a respiração, esperando para ver se ele vem correndo para o banheiro. E se ele estiver do outro lado da porta, escutando? E se ele estiver caçando os corredores agora?

Não posso pensar assim. Tudo que posso fazer é chegar à Lacey. De volta ao meu quarto estou segura. Estarei segura.

Abaixo-me em um assento sanitário, segurando o teto enquanto desço. Minhas meias escorregam na tampa de plástico e por um momento me imagino escorregando, caindo no chão e abrindo a cabeça.

“Foco, Mary”, sussurro.

Eu consigo fazer isso.

Pelas meias agarro um dos lados do assento, para prender. Devagar, deixo meu peso nas pernas e solto o teto acima da minha cabeça. Meu coração martela contra o peito e a adrenalina flui pelo meu corpo, mas de alguma forma eu me controlo. É só no último instante que escorrego um pouco e caio no assento com um solavanco, machucando o traseiro. Paro com a mão sobre a boca. A queda havia produzido um som abafado. Quão alto havia sido? Alto o suficiente para atrair a atenção de alguém na ala?

Não há tempo para esperar a noite toda. O cômodo está silencioso e escuro. Tenho que sair e voltar para o meu quarto sem ser pega por ninguém, muito menos Gethen.

Perdi os parafusos da grade da ventilação então a única coisa que posso fazer é escondê-la no teto e esperar que ninguém perceba. Pelo menos não até amanhã. Depois que está escondida, eu me infiltro do banheiro para o saguão. Quando passo pelo quarto do Mo e do Frankie, um arrepio desce pelas minhas costas. Ele fez isso. Eu não tinha provas, mas foi Gethen; eu sei disso, lá no fundo.

Sem fôlego, viro no corredor. Estou a poucos metros de distância, eu consigo. Se eu correr pelo corredor até meu quarto, terceiro à direita...

A luz acende.

Uma silhueta pode ser vista andando pelo saguão e eu não tenho escolha a não ser correr de volta para trás da parede. É ele.

Eu me inclino para espiar o saguão. Gethen está de pé na porta do primeiro quarto, o mais próximo à área comum. Uma garota da minha turma de terapia em grupo mora ali. Ela é bem tagarela. Gethen bate três vezes na porta.

Sem resposta.

Ele bate de novo.

A luz acende no quarto. Há uma pancada e alguém xinga bem alto. A porta abre.

“O que você quer, cara? Não sabe que é tipo 4h da manhã?” ela diz.

“Vistoria de quarto”, Gethen responde em sua voz grave monótona.

“Que diabos? Você não vai procurar no meu quarto. Eu conheço meus direitos”.

“Você não tem direitos”, ele diz dando um passo à frente. “Até que eu tenha procurado em seu quarto”.

“Nah”. Ela balança a cabeça. “Ei, Jessa, esse bebereão quer verificar nosso quarto”.

Jessa sai e as duas começam a discutir com os dedos balançando, mantendo Gethen ocupado. Tenho uma chance e aproveito. Vou sorradeira até minha porta, correndo gentilmente. Jessa me vê e eu coloco um dedo nos lábios. Ela distrai Gethen entrando rápido no quarto e gritando mais um pouco.

Obrigada, Jessa.

Abro a porta e entro em silêncio.

Lacey sai da cama imediatamente. “Onde você estava? O que aconteceu? O que está acontecendo lá fora?”

“Não há tempo para explicar”. Jogo a lanterna no criado-mudo, puxo os travesseiros da cama e os arrumo, esfrego meu pijama para tirar teias de aranha e sujeira, então pulo na cama. “Gethen vai checar o quarto. Precisamos agir como se tivéssemos acabado de acordar”.

Meu coração dá um salto com a ideia dele vindo ao quarto.

“O que está acontecendo, Mares?” ela sussurra.

“Não há tempo para explicar”.

“Você parece horrível”.

“Eu estou”.

Há uma batida na porta. Lacey acende o abajur e encontra meu olhar. “Hora do show”, ela balbucia.

Depois de bagunçar o cabelo, Lacey caminha até a porta e a abre. “Que diabos? É 4h da manhã. O que está acontecendo?”

“Vistoria de quarto”, Gethen diz. “Onde está sua colega de quarto?”

Lá no saguão ainda consigo ouvir Jessa gritando. “Isso é uma violação dos direitos humanos, não é? Você vai ser preso”. Eu poderia abraçá-la.

“Minha colega de quarto está bem aqui”. Lacey escancara a porta e eu o vejo.

Ele está de pé, alto e curvado, olhos pretos de bola de gude afundados no crânio. A visão de seu corpo pálido e desengonçado faz cada parte do meu corpo gelar. É como se o medo cobrisse minha pele. Penso nele caçando pela ala abandonada, provocando-me sobre jogos, e eu quero vomitar.

“Posso lhe ajudar com alguma coisa?” Forço as palavras para saírem de forma indiferente e finjo um bocejo. “Porque tô querendo voltar a dormir”.

Gethen recua, mas ele fica de olho em mim até que vira e sai. Lacey bate a porta.

“Mares”, ela diz. “Você tá com pó na testa”.

Capítulo Catorze

“Então, Johnny é mau e Gethen também?” ela pergunta, meio pendurada para fora da cama.

“Não sei sobre o Johnny. Acho que ele me atraiu para lá para que Gethen pudesse me pegar, mas não sei como ou por quê”.

“Talvez Gethen possa ver fantasmas também”, ela sugere. “Talvez eles estejam trabalhando juntos”.

“Não sei. Acho que não. Johnny é um trapaceiro. Acho que está fazendo algum tipo de brincadeira”.

Quer jogar meu jogo?

Estremeço.

“O que vamos fazer?” Lacey diz. “Temos que fazer alguma coisa. Ele matou o Frankie”.

“Não temos certeza. Não temos nenhuma prova ou coisa do tipo”.

“E os remédios que ele dá para todo mundo de manhã? Poderia ser veneno ou sei lá”, ela diz.

“Não tome mais os comprimidos”. Fico enojada de saber que ele tem tanto poder. Confiamos nele para nos dar os medicamentos toda manhã. Confiamos nele para cuidar de nós. Esse é o problema com hospitais, o que sempre odiei. Desistimos do controle de nossas vidas e o entregamos a alguém. Na maior parte do tempo é algo bom. Precisamos dessas pessoas e de suas competências. Mas e se elas não quiserem que a gente melhore? E aí?

Depois de uma longa conversa com a Lacey, fecho os olhos e espero o sono chegar. Sempre que tento, vejo Gethen. Ouço sua voz ecoando. Não tenho provas de que ele matou Frankie ou aquelas pessoas, mas lá no fundo eu sei disso. Cada instinto em meu corpo grita isso.

E o Johnny? O que ele quis dizer quando lhe perguntei sobre as Coisas? Ele disse que não eram nada. Foi uma mentira ou algo importante? Eu não deveria acreditar em uma palavra que ele diz. Provavelmente está mentindo para mim desde o começo, tentando me espantar das mortes no hospital.

Caio no sono, sonhando com aranhas com pernas humanas.

Lacey me acorda antes do café da manhã. Tomo banho com o estômago fazendo barulho. Hoje tenho que fingir que o Gethen não me dá o menor medo. Será que ele percebeu o pó em minha testa? Será que ele sabe que era eu?

O café passa como um borrão. Não há um único paciente inerte. Mo ainda não voltou do quarto branco e eu começo a me preocupar com ele. Se Gethen realmente matou o Frankie, não há nada o impedindo de matar Mo em seguida. Se ele não sair hoje à noite, terei que voltar lá pra cima. Vou ter que entrar no quarto branco e alertá-lo. É a única forma.

“Hora das drogas”, Lacey diz. O delineador preto distrai das sombras escuras sob seus olhos. Só alguém próximo à Lacey perceberia a diferença no jeito como ela brinca essa manhã. Não é o comum dela. Ela está forçando. “Façam uma fila em ordem, meninos e meninas. Venham para cá!”

Fico perto da Lacey. O pouco que comi no café da manhã está se revirando em meu estômago como uma máquina de lavar. Não quero vê-lo. Não quero ficar perto dele.

“Você vai ficar bem. Só tente não suar muito”, Lacey diz.

Enxugo minha testa úmida com a manga do agasalho. Com um choque, percebo que é o moletom do Mo que estou vestindo. Uma pontada no meu coração. Queria que ele estivesse aqui. Queria poder lhe contar tudo.

Lacey toma seus comprimidos sem dizer uma palavra a Gethen. É minha vez. Minha garganta fica seca.

“Nome”, ele diz.

“Mary Hades”. De alguma forma eu não gaguejo.

Enquanto ele me entrega o copo, um grito soa no corredor lá fora. Derrubo os comprimidos e eles caem no chão. Gethen sorri para mim com dentes amarelos. Recuo e viro para a comoção lá fora. Uma mulher está chorando. Ela desmorona no chão enquanto o médico tenta acalmá-la.

“Mais um”, Lacey diz.

Algo estala dentro de mim. Disparo na cabine. “Você! Você fez isso. É você!”

Os olhos de Gethen permanecem nos meus. Seus olhos pretos desprezíveis. Eles riem de mim. Ele ri de mim.

“Carregadores!” ele berra.

“Não!” eu grito.

Lacey me segura pela cintura. “Controle-se!” Ela desliza algo no bolso do meu casaco e pisca.

Roger e George estão lá em um instante. Eles me agarram pelos braços. “Pra onde ela vai? Já temos o rapaz no quarto branco”.

“Tranquem-na em seu quarto, por enquanto”, Gethen diz. “Ela deve ficar segura lá”.

Há algo na expressão ameaçadora e instruída em seu rosto que me diz que ele sabe sobre o teto. Ele espera que eu escape para a ala abandonada e, então, ele estará lá esperando por mim.

Após me trancarem no quarto, verifico o bolso. O que a Lacey tinha me deixado? Meus dedos encontram algo macio e plástico com uma ponta de metal. Um isqueiro. Gênio. Abro a gaveta do criado-mudo e puxo uma pequena lata de desodorante. Obrigada, pai, por me ensinar a me defender. Coloco a lata dentro do bolso grande na frente do agasalho. Pelo menos, estou armada agora.

Com energia demais me rodeando tudo que posso fazer é andar pelo quarto. Para frente e para trás, para frente e para trás. A garoa da manhã cobre a vidraça.

É como se houvesse milhares de abelhas sob minha pele. Meus músculos não se acalmam.

O que posso fazer? Como posso salvá-los?

Essa é a parte em que você faz um plano. É a parte da história na qual o herói inventa o plano mais incrível e inteligente para vencer o vilão. Detetives prendem seus assassinos em série.

Não sou uma heroína ou assassina em série.

Deixei a Anita morrer.

E se eu deixar Mo ou Lacey morrer também?

Não consigo pensar direito. Não consigo respirar. O quarto parece fechar ao meu redor, as paredes se aproximando. Sento e coloco a cabeça entre os joelhos. É isso que ele quer. Ele me quer fraca.

Então, fica claro. Ele caça os fracos. É tão óbvio, por que não pensei nisso antes? Por isso ele mata os doentes terminais. Por isso ele matou o Frankie. Ele escolhe o mais fraco e o ataca porque está fraco, também, e isso que o faz se sentir poderoso. Tudo que preciso fazer é me tornar forte.

Começo a agir.

Levanto na cama da Lacey e solto o painel no teto. Depois eu pulo, agarro a beira do teto e começo a me puxar para cima. Escorrego e caio na primeira tentativa, aterrissando na cama macia da Lacey. Mas na segunda vez dá certo; eu me balanço na área para engatinhar. Diferente das tentativas anteriores, não hesito. Balanço pelo espaço até a ala acima, não parando nem para me preocupar com aranhas ou tomar fôlego. Logo estou caminhando pela ala, esperando por ele.

Johnny chega primeiro.

“Olá, garota forte”, ele diz.

“Corta essa, Johnny. Eu sei que você me enganou. Você tem armado para mim, não é? Ficou mexendo com a minha cabeça, tentando me deixar fraca”.

Ele balança a cabeça para o lado e cruza os braços. “Bem, você não é a pequena detetive?”

“Por quê? Por que você o ajuda? Ele consegue vê-lo?”

Johnny dá de ombros. “Não há muito mais o que fazer por aqui. Não depois de bater as botas”.

“Você tirou a própria vida!” digo. “A culpa é sua”.

Os olhos de Johnny brilham e ele avança até mim, exceto que ele não se move como uma pessoa normal. Ele treme e sacode e fica turvo como uma TV perdendo o sinal. Em um minuto ele está a alguns metros de distância, depois está quase me tocando. Ele levanta o capuz do rosto e puxa o decote para baixo. Suspiro. Uma cicatriz feia, roxo avermelhada de queimadura percorre a extensão de sua garganta.

“Tente existir, sabendo que está morta. Tente andar por esses corredores com *isto* no pescoço. Só tente — ficar sozinha por anos e anos. Ah, espera, talvez você fará logo”.

“Você não...” eu me afasto dele. “Não está fazendo isso para ter *companhia*, não é? Isso é doentio”.

Ele coloca o capuz. “Talvez. Sei lá”.

“Johnny, conte-me o que quis dizer sobre as Coisas. Por que disse que elas eram nada?”

Ele balança a cabeça. “Você é tão burra às vezes, Mary. Elas são uma manifestação. Só existem porque você quer que elas existam”.

“O que você quer dizer?”

“É a forma do seu cérebro dizer que há algo errado. Você é intuitiva, Mary, mas não sabe disso. Quando acredita que algo ruim vai acontecer, sua mente inventa esses monstros para lhe mostrar”.

“Eles não são zumbis?”

“Não, não são zumbis. Jesus Cristo, Mary”.

“Estou falando com um fantasma”, digo ríspida. “Zumbis não parecem *tão* ridículo para mim. Não entendo. Por que consigo ver fantasmas? E por que isso não tem nada a ver com as... as... manifestações em minha mente?”

Ele dá de ombros. “Acho que você está perto da morte. É a única razão que consigo pensar. Às vezes quando alguém está prestes a morrer vê morte ao redor. Fica imersa nela, no mundo”.

“Um véu levanta”, murmuro.

“Sim, acho que sim. Um véu levanta de um mundo para o outro”.

“Como às 2h da madrugada”.

Ele dá de ombros. “Tanto faz”.

“Isso significa que o Gethen vai me matar”, digo. “Não há outra razão pela qual eu estaria perto da morte”.

“A não ser que, talvez, alguém próximo a você esteja destinado a bater as botas. É melhor você se esconder”, Johnny diz. “Porque ele está vindo”.

Capítulo Quinze

Seguro o isqueiro em uma mão e a lata de desodorante na outra.

“Por que você não está se escondendo?” Johnny pergunta.

“Porque é fraco”.

Passos vagarosos se arrastam pela escada. Eles caem em um ritmo sombrio. Acendo o isqueiro com o dedão, forçando uma chama. Leva três tentativas.

“Você poderia ter me dado um que funciona, Lacey”, murmuro.

Uma porta abre. Fico de pé com o desodorante e a chama.

“Olá, Mary”, ele diz. “Ah que bom. Você resolveu brincar”. Ele fica na entrada com as mãos atrás das costas. Escondendo uma arma, talvez. Preciso manter minha cabeça no lugar, mas cada parte do meu corpo parece uma gelatina.

“Não estou jogando o seu jogo”, digo, mantendo a postura. “Estou parando seu jogo”.

“Fogo”, Johnny diz.

Percebo que Gethen não prestou a menor atenção ao Johnny. Ele não pode vê-lo.

“Seja uma boa garota e abaixe o isqueiro. Não vai ajudá-la mesmo”.

Penso em seus dedos longos e finos atrás das costas. O que escondem? O que ele tem?

Ele dá um passo à frente e eu espirro o desodorante. Uma nuvem de chamas escapa. Elas iluminam seus dentes amarelados.

“Fique longe de mim”.

“O que você vai fazer? Hmm”. Ele continua indo para frente, forçando-me para trás. Minha solução é escapular. “Não vejo você ganhando em nenhuma situação que passa pela minha mente. Se você me matar, vai para a prisão por assassinato ou, melhor ainda, passa a vida trancada em uma instalação psiquiátrica junto com os outros loucos perigosos. Se eu matá-la, você morre. Se eu aprisioná-la, posso fazer o que quiser com você e, muito provavelmente... você morre. Se alguém encontrá-la aqui em cima, a Enfermeira Granger, por exemplo, ela vê uma doidinha tola com uma arma. Seu medicamento aumenta e você fica na Magdelena mais tempo, o que significará que eu ainda irei matá-la, só que você não saberá quando ou como. Ficará vivendo dia após dia, sabendo que irei matá-la e ninguém vai acreditar em você”.

“Ele tem razão”, Johnny diz.

“Eu já tenho alguém que acredita em mim”, digo. Mantenho a chama do isqueiro acesa embora meu dedão esteja bem dolorido.

“Ah, Mary, quando você vai perceber que qualquer um em uma ala psiquiátrica não conta? Você pode fazer todos os amiguinhos que quiser. Pode contar a eles o que bem entender. Isso... não... importa. Ninguém vai acreditar em você”. Ele se aproxima.

Levanto o isqueiro e espirro o desodorante nele. Gethen se abaixa das chamas e salta até mim com os braços estendidos. Algo em suas mãos brilha, como metal. Corro contra a parede e espirro mais chamas nele. Gethen ataca meu rosto com a faca em sua mão e eu grito. As chamas pegam nas roupas dele, incendiando seu braço, e ele vai cambaleando para trás, olhando horrorizado para o braço. Finalmente, solto o isqueiro e corro para a porta de saída da ala, mas Gethen escapa do jaleco e o joga no chão antes de me perseguir.

“Não tão rápido!” Ele me agarra pela cintura e me puxa de volta. Aqueles dedos repugnantes pressionam meu corpo. Sua respiração quente acaricia meu pescoço, mandando arrepios pelas minhas costas.

Chuto a perna dele e agarro seus dedos. A faca sumiu. Se eu conseguisse fugir e achá-la...

Ele me arrasta e eu começo a entrar em pânico. Balanço e luto contra sua força, mas ele é alto e surpreendentemente forte.

Johnny me olha de um canto escuro no quarto. “De repente, você deveria checar o sofá”.

Sigo os olhos de Johnny para o sofá, onde o jaleco do Gethen foi descartado. As chamas não se apagaram e um espiral de fumaça preta está levantando do jaleco em combustão. Estamos em apuros agora.

Luto mais forte contra ele, mas ele me força de volta para o quarto escuro. Há um som de *woomph* e o sofá pega fogo.

“Me solta!” grito. “Me solta ou nós dois morremos”.

As chamas estão se espalhando rapidamente. Com a ala fora de uso e móveis antigos secos por aí — sem contar os vários lugares onde derramamos álcool — leva poucos segundos para o sofá todo estar pegando fogo. As chamas só aumentam.

Gethen para.

“Solte-me e eu vou apagar o fogo”, digo. A simples visão traz em cheio aquela noite. Ouço os gritos novamente.

“Não vou soltá-la”. Sua voz sai em um silvo como uma cobra.

“Ah, sim, você vai”. Viro a cabeça ao som de outra voz no quarto. Quando o faço, um maço loiro se arremessa contra nós, pegando Gethen desprevenido e nos fazendo voar contra o assoalho. Gethen grita enquanto aterrisso pesadamente sobre seu braço.

“Lace?” grito. “Lacey, é você?”

Ela fica de pé novamente e segura minha mão. “Em pessoa”.

“Mas, como?”

“Arrombei o quarto. Não há tempo para explicar”. Ela me ajuda a fugir do Gethen, mas ele agarra meu tornozelo com força, arrastando-me de volta e, antes que eu consiga fugir, algo pontiagudo mergulha em minha pele. Grito de dor.

“O que foi?” Lacey pergunta.

Consigo chutar Gethen e mancar para a frente. Uma seringa está presa em minha perna. Lacey ofega, abaixa e a puxa. Isso dá tempo suficiente para Gethen pegar a faca e vir até nós. Em um instante, temos uma cortina de fogo de um lado e Gethen vindo até nós com uma faca do outro. A luz do fogo realça o branco dos olhos dele, destacados do crânio como um maníaco. Lacey começa a tossir enquanto ele nos leva de volta para o fogo. O calor começa a criar bolhas em minha pele.

Minha garganta fecha. É igual à escola. Meus pesadelos se tornam reais. Gethen golpeia a faca contra mim e corta minha bochecha. Sangue escorre pelo meu rosto e Lacey grita. Gethen dá risada. Ele abre um sorriso largo. Seu rosto vazio brilha como uma caveira. Ele vem até nós de novo e não há nenhum lugar para ir.

À distância, um alarme irritante soa. A fumaça deve ter chegado aos vários detectores do hospital. Uma figura avança pela fumaça. Ela usa uma regata que revela uma tatuagem no ombro. Uma tatuagem de pássaros voando em direção ao pescoço. Sei imediatamente que ela é um fantasma. Ela cintila e tremula como uma imagem de TV fora de sintonia.

“Sammi!” Lacey grita.

“Shhh”, diz o fantasma. “Por aqui”.

A atenção de Gethen se vira para nós, mas temos tempo de passar por baixo de seu braço estendido e correr para a figura cintilante. Ele vem até nós e cruelmente desce a faca na Lacey. Ela solta um berro e

cai.

“Não!” grito. “Não! Lacey”.

Ela desmorona em meus braços. Sangue escorre de um ferimento em suas costas e a única coisa que posso fazer é arrastá-la na direção da Sammi.

“Fique acordada! Por favor, fique acordada”.

Gethen tem o controle da situação agora. Ele nos enfraqueceu e sabe disso. Ele caminha até nós, as chamas atrás dele criando uma auréola laranja e vermelha como a morte. A luz do sol passa por uma janela suja, destacando o sangue em seu rosto e as chamas na ala. Certamente os bombeiros irão nos encontrar e vê-lo nos matando. O que ele pode fazer agora? O que pode alegar?

“Você vai ser pego”, digo, ficando de costas para a janela. “Eles vão ver o que você fez com a Lacey e trancá-lo”.

“Não se eu puder evitar”, ele responde. Ele segura a faca mais alto, acima da minha cabeça. Mudo de opinião, ficando sem espaço, ainda carregando uma Lacey sem vida. “Contos vão se espalhar por anos sobre como Mary Hades matou a colega de quarto, tacou fogo no hospital e depois cortou a própria garganta. Será lendário”.

Minhas costas encontram a janela. Atrás de Gethen as chamas aumentam. Elas dançam e mergulham e Johnny fica em frente a elas, deixando o fogo passar por ele. Encontro seus olhos verdes e suplico para ele. Se ele pudesse me ajudar. Se ao menos.

Então, há um movimento. Há um movimento nas chamas. Sombras escuras se levantam, dúzias delas, preenchendo o espaço atrás de Gethen. Pessoas de todas as idades, tamanhos e raças ficam atrás de Johnny. Uma garotinha careca com um tubo no nariz. Um homem mais velho, tão magro que sua camisola hospitalar está pendurada como uma tenda esvaziada. Eles avançam e eu sei por que estão aqui. Dessa vez, Gethen os verá. Realmente os verá.

“Não se eles tiverem alguma coisa com isso”. Aponto a cabeça para trás dele.

Gethen vira e um lamento escapa de seus lábios. Os fantasmas o cercam, Johnny liderando-os, Sammi com ele, e eles agarram Gethen, puxando-o para o chão e o sufocando. Ele tenta retalhar com a faca, mas sem efeito.

“Não!” ele grita. “Não...”

Viro enquanto os fantasmas continuam a arranhá-lo, forçando-o para o chão e o sufocando. Isso me causa náuseas; um cheiro forte de mofo e carne queimada chega as minhas narinas.

Um ataque de tosse me atinge, mas não posso desistir agora. Quebro o vidro da janela com o cotovelo e me inclino. “Socorro. Alguém, socorro!”

Lá embaixo um grupo de pacientes levanta a cabeça e aponta para mim. Vejo Mo primeiro. Ele corre para o prédio, mas Roger e George o puxam de volta.

“Alguém me ajude”, murmuro antes de cair no chão.

Meus olhos piscam e se fecham.

“Você não tem mais medo da escuridão”, Johnny diz. Suas mãos estão sujas com a carne do Dr. Gethen. “Você ficou forte e lutou”.

Ele está certo. Não tenho medo da escuridão. Não tenho medo de nada. Finalmente percebo o que meus monstros à luz do dia eram; eram meus próprios medos de ficar doente, de perder o controle. Nunca quis morrer, sabe? Não queria mesmo. Mas todos morremos um dia.

A escuridão vem e eu a cumprimento.

Epílogo

Há uma luz clara. Ela brilha em um olho e depois no outro. Figuras flutuantes ficam à vista. Tenho a vaga sensação de uma brisa fresca e cortinas se agitando.

“Isso é a vida após a morte?” ouço-me dizer. É estranho. Não me lembro de formar as palavras. É como se minha mente e meu corpo estivessem levemente desconectados.

Há um barulho, como uma risada. Minha boca está seca e a garganta dói. Certamente se eu fosse um fantasma ou uma alma ou qualquer coisa não estaria com sede.

“Não exatamente”, diz uma voz. Uma voz tranquilizadora.

“Mo?”

“O único”.

Forço para abrir meus olhos, mas a luz os machuca. Mo toca minha mão.

“Calma. Os médicos falaram que sua visão pode ficar sensível por um tempo. O fogo queimou boa parte do seu rosto”.

Pisco e gentilmente vou abrindo os olhos, deixando o rosto de Mo ficar à vista.

Ele solta uma respiração profunda. “Ah, é tão bom ver você sorrir. Ficamos preocupados por um tempo”.

“Eles o deixaram sair do Quarto Branco”, digo.

“Eles me deixaram sair há cinco dias”.

“Faz tanto tempo? E a Lacey?”

Ele para e segura minha mão nas dele. “Ela se foi”.

Lágrimas enchem meus olhos e dói tanto, mas não é nada comparado à dor em meu coração.

“Ela me salvou”, digo. Minha voz sai abafada e grossa por causa das lágrimas e dos ferimentos. “Ela me salvou dele”.

“Eu sei”, ele diz. “Todos sabemos sobre o Dr. Gethen agora. Eles encontraram as digitais na faca e evidência de que ele tem injetado doses letais de morfina nos pacientes do Cuidado Paliativo. Ele morreu no fogo, Mary, então nunca mais irá machucá-la”.

Seco uma lágrima com a mão livre, tentando manter a postura. Eu já sabia que ele estava morto. Não havia como sobreviver o que os fantasmas fizeram com ele. Estremeço só de pensar.

Mo tira alguns fios de cabelo do meu rosto. “Vou deixá-la com os seus pais. Eu tinha que vir e vê-la, ter certeza que você estava bem”.

“Obrigada”, digo. “Obrigada por tudo. Você foi... incrível”.

Mo levanta para sair e solta minha mão. Ele para um segundo e olha para a porta como se checasse se alguém iria entrar. Satisfeito que estamos a sós, ele abaixa e me beija com lábios macios. É delicado e manda arrepios pelos meus braços e pernas. Mas não dura tempo suficiente. Ele recua e eu já sinto sua falta.

“Eu deveria—”

Puxo-o pela manga e aperto nossos lábios juntos, sentindo sua quentura e doçura. Estou viva. *Sinto-me viva.* Ele me faz sentir viva.

Mo esbarra na cama três vezes ao sair, com um sorriso bobo no rosto. Quando fico sozinha, fecho os olhos e penso na Lacey. É como se ela estivesse aqui mesmo. Posso sentir o cheiro de lavanda do xampu dela.

“Psst”.

Abro os olhos e quase saio do corpo.

“Não precisa ficar falando sobre isso, Mares, minhas orelhas já estão zunindo”. Lacey cintila ao pé da cama. Ela pisca para mim. “Vai ser um verão divertido, garota rica. Eu e você, vivendo intensamente”.

~ Uma Nota da Autora ~

Um enorme obrigada pelo seu apoio ao comprar este livro. Neste exato momento estou trabalhando duro em mais livros, incluindo uma série de livros de fantasia Jovem Adulto.

Então, se você gostaria de ficar atualizado sobre meus novos lançamentos e saber sobre distribuições gratuitas em primeira mão, assine meus [alertas de e-mail](#) para novos lançamentos.

Seria fantástico se você pudesse deixar uma resenha no site que comprou o livro. Amei escrever este livro e amo ouvir a opinião de vocês.

Com carinho,

Sarah Dalton

<http://sarahdaltonbooks.com/>

<https://www.facebook.com/sarahdaltonbooks>

Sobre a Autora:



Sarah cresceu no meio do nada no interior de Derbyshire e, como resultado, tem uma imaginação hiperativa. Tem sido uma ávida leitora na maior parte da vida, inspirando-se nas histórias que leu quando criança e nos romances que devorou já adulta.

Sarah escreve principalmente ficção especulativa para um público Jovem Adulto e teve algumas ficções curtas publicadas no *Medulla Literary Review*, *Apex Magazine*, revista PANK e na publicação da Sociedade Britânica de Fantasia, *Dark Horizons*. Seu conto ‘Vampires Wear Chanel’ faz parte de *Fangtales*, da Wyvern Publication, disponível na Amazon.

Sarah está trabalhando atualmente em uma série de fantasia Jovem Adulto. Fique de olho para mais informações!

www.sarahdaltonbooks.com

www.theblemished.com

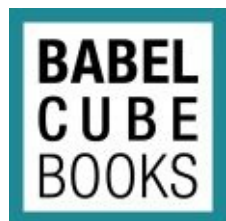
@sarahdalton

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com